



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL:
OS IMPACTOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Daiane Mezaroba

Lajeado, junho de 2019

Daiane Mezaroba

**ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL:
OS IMPACTOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como exigência parcial para a obtenção do título de Pedagogo.

Orientadora: Profa. Dra. Danise Vivian

Lajeado, junho de 2019

Daiane Mezaroba

**ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL:
OS IMPACTOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

A banca examinadora abaixo aprova a monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na linha de formação de professores em Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte de exigência parcial para a obtenção do título de Pedagogo:

Profa. Dra. Danise Vivian - orientadora
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES

Psicopedagoga Me. Aline Pin Valdameri - avaliadora
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES

Lajeado, junho de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as pessoas que me apoiaram no decorrer dos semestres de graduação e durante a elaboração desta pesquisa.

Agradeço aos meus professores, por todas as oportunidades de crescimento, tanto profissionais quanto pessoais. Todos os nossos encontros foram repletos de muito diálogo e novas aprendizagens.

Agradeço à minha professora orientadora, pela dedicação e comprometimento com a minha pesquisa e, principalmente, por ter me envolvido de forma cativante na área da educação. E também por, apesar de todos os compromissos, sempre ter me apoiado de forma positiva.

Agradeço à minha avaliadora, por ter se dedicado a ler e contribuir significativamente na minha escrita. E, especialmente, à minha família por sempre ter contribuído favoravelmente ao meu crescimento profissional e individual e por sempre ter me incentivado afetivamente.

RESUMO

Muitas vezes, nas escolas e nas famílias, existem crianças em situação de não-aprendizagem e não se consegue identificar o que está ocorrendo na vida delas naquele momento. Em alguns casos, os professores podem não estar conseguindo intervir e se aproximar da criança para descobrir os fatores que influenciam a viver determinadas circunstâncias. Em outros casos, a questão familiar pode estar relacionada. Além desses fatores, podem existir diversos outros que induzem a criança a ter certos comportamentos. Essa pesquisa, a partir da leitura de diferentes teóricos que abordam o tema, como Pontes (2010), Santos (2009) e Bossa (1996, 2000 e 2002), tem como objetivo central analisar como os atendimentos individuais impactam no processo de aprendizagem das crianças com dificuldades. Além disso, buscou-se refletir sobre como ocorre o desenvolvimento dos atendimentos individuais relacionados à situação de não-aprendizagem e aos conceitos de normalidade e anormalidade. Metodologicamente, este estudo desenvolveu-se a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de tipo bibliográfico e de campo. Para a geração de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e profissionais (fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo) que atuam em um município da serra gaúcha. Como resultados desta pesquisa, pôde-se perceber que os professores e profissionais afirmam que os atendimentos individuais influenciam positivamente na melhoria e superação das crianças que se encontram em situação de não-aprendizagem, ou seja, impactam de forma favorável e construtiva. Além desse benefício, destacam a importância do incentivo da família, dos professores e dos profissionais envolvidos com as crianças nessa situação. É possível identificar que a situação de não-aprendizagem representa um contexto momentâneo, ou seja, com apoio e dedicação, a criança conseguirá superar esse desafio. Nesse cenário, a afetividade apresenta papel fundamental e influente para a criança que se encontra nessa situação momentânea de não-aprendizagem. Para isso, o professor precisa desenvolver situações de aprendizagens significativas que despertem o interesse e a vontade da criança, de modo que ocorra uma aprendizagem expressiva. Se houver uma influência positiva do professor, da família e dos profissionais, a criança conseguirá superar os seus desafios com mais facilidade.

Palavras-chave: Atendimentos individuais. Situação de não aprendizagem. Afetividade.

SUMÁRIO

1 ABERTURA DO DIÁLOGO: APRENDIZAGEM ESCOLAR	6
2 O INÍCIO DO DEVANEIO: O CONCEITUAL	10
2.1 A concepção dos atendimentos individuais	11
2.2 Os seguimentos de uma aprendizagem.....	17
2.3 O esclarecimento da situação de não-aprendizagem.....	20
3 DELINEANDO A METODOLOGIA.....	25
3.1 Abordagem da pesquisa	26
3.2 Tipos de pesquisa	26
3.3 A geração de dados	27
3.4 Metodologia de análise dos dados	28
4 EXPLORANDO AS INDAGAÇÕES ANALÍTICAS	29
4.1 Afetividade: um desdobramento significativo	29
4.2 Benefícios e impactos do atendimento individual.....	35
4.3 Situação de não-aprendizagem: um conceito fixo?	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESPERTANDO ALGUMAS REFLEXÕES	46
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	52
APÊNDICE A - Carta de Apresentação para Secretário(a) da Educação.....	53
APÊNDICE B - Carta de Apresentação para Diretor(a) da Instituição de Ensino	54
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional	55
APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista com os professores	57
APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista com os profissionais	58

1 ABERTURA DO DIÁLOGO: APRENDIZAGEM ESCOLAR

O homem é um organismo que pensa, sente e atua, e todo o processo aprendido possui componentes motores, ideativos e afetivos. Ninguém, jamais, adquire um hábito motor, como, por exemplo, a patinação, sem algum nexo afetivo, ou consequência cognitiva. [...] Ao mesmo tempo, adquire alguns sentimentos referentes à atividade: passa a apreciá-la ou desprezá-la, a detestá-la ou valorizá-la (CAMPOS, 1987, p. 51).

Para iniciar a problematização, utiliza-se da afirmação de Campos (1987) que desacomoda o raciocínio a respeito da aprendizagem escolar. Nessa lógica, arrisca-se afirmar que todo homem, no seu processo de aprendizagem, envolve condutas vinculadas com o afetivo, o motor e o cognitivo. Pesquisar a aprendizagem escolar requer compreender os diversos desafios que são proporcionados na prática, como as dificuldades de aprendizagem, a desvalorização profissional, as metodologias de ensino, o envolvimento com o afetivo, o motor e o cognitivo das crianças.

A aprendizagem está presente nos assuntos de autores como Moreira (1999) e Campos (1987). Tais pesquisadores buscam apresentar as teorias de aprendizagem de Piaget e Rogers, por exemplo, elencando diversas características sobre as quais se deve refletir, como o desenvolvimento cognitivo e o aprendizado significativo. Além disso, é possível afirmar que a aprendizagem ocupa lugares além do ambiente escolar, envolvendo mais do que apenas os aspectos cognitivo e afetivo, apresenta vinculação com a personalidade humana, a família e a questão cultural, que tem relação à inserção do sujeito na sociedade.

Todo o ser humano tem suas peculiaridades, suas características e seu próprio tempo para aprender. Sabe-se, todavia, que aquele que não consegue se envolver no contexto escolar, de acordo com o que é esperado pela escola, acaba se “atrasando” na aprendizagem. No

contexto educacional, existem determinados deveres e situações que todos os estudantes precisam exercer. Caso os estudantes não exerçam tais práticas, poderão não compreender e nem se inteirar dos processos de aprendizagem.

Nesse sentido, quando o indivíduo não atinge os objetivos esperados pela instituição de ensino em relação a sua aprendizagem, em algumas situações, ocorre o que se denomina de acompanhamento individual, para rever o seu aprendizado. Tal acompanhamento é realizado por profissionais de diversas áreas, como psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos inseridos no atendimento educacional especializado (AEE)¹, dentre outros, visando assim, conseguir aperfeiçoar a aprendizagem das crianças. Nesse caso, os professores, a coordenação pedagógica e a direção são os responsáveis pelo direcionamento das crianças para este atendimento. Essa condução é realizada para que a criança tenha a oportunidade de aprofundar conhecimentos de modo a sair da situação de não-aprendizagem em que se encontra naquele momento e consiga construir os saberes necessários relativos aos processos de escolarização.

Pode-se pensar que a aprendizagem escolar refere-se à compreensão dos saberes validados e sistematizados socialmente e que, quando um estudante não atinge os conhecimentos mínimos considerados pela instituição de ensino na qual está inserido, ocorre a chamada situação de não-aprendizagem. Tal situação evidencia uma dificuldade temporária do estudante na aquisição de novos conhecimentos e isso conduz a pensar nos processos pedagógicos escolares em que essas crianças estão envolvidas. Através desse pensamento, cabe ao profissional da educação a reflexão sobre as diferenças físicas, intelectuais e sobre o tempo de desenvolvimento de cada ser humano.

Tais afirmações apresentadas até o momento levaram a uma série de questionamentos que acompanham a efetivação desta pesquisa: seria possível pensar em educação única, padronizada para todos, quando se sabe que todos os seres humanos são diferentes? Como o profissional da educação compreende que o indivíduo necessita de algum atendimento individual? Será que esses atendimentos individuais trazem algum impacto positivo na aprendizagem? Como ocorrem estes atendimentos?

Todos estes questionamentos provocam a pensar e conduzem ao processo de pesquisa. Desta forma, tem-se como problema central deste estudo analisar: **“Como os atendimentos**

¹ Atendimento Educacional Especializado: **DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011.**

individuais impactam no processo de aprendizagem das crianças com dificuldades de aprendizagem?”.

Para a melhor compreensão desta pesquisa, consideraram-se alguns objetivos específicos que colaboraram com a busca por possíveis respostas:

1. Conceituar o que são atendimentos individuais, situação de não-aprendizagem e aprendizagem escolar;
2. Refletir sobre a questão da constituição do caráter de “normalidade” e “anormalidade”, decorrentes das práticas escolares;
3. Compreender quais são os possíveis benefícios e impactos do atendimento individual no processo de aprendizagem estudantil no contexto educacional.

Este estudo justifica-se pela sua contemporaneidade temática. Muito se debate em âmbito escolar sobre a inclusão e as dificuldades que dela decorrem durante o processo de escolarização. Todavia, o direito educacional está garantido em lei e deve ser cumprido por todos. A escola, a família e a sociedade devem assegurar e apoiar esse direito, buscando incentivar e possibilitar que todos tenham as mesmas condições de aprender e se desenvolver.

A presente pesquisa está organizada por seções, sendo a primeira a introdução, nomeada “Abertura do diálogo: aprendizagem escolar”. No decorrer desta seção, é realizada uma discussão em relação ao tema da pesquisa, que são os atendimentos individuais relacionados com a aprendizagem e a situação de não-aprendizagem.

O segundo capítulo, intitulado “O início do devaneio conceitual”, aborda as questões em relação à organização dos conceitos desta pesquisa. Dentro desse capítulo, encontram-se três subcapítulos. O primeiro nomeou-se como “A concepção dos Atendimentos Individuais”, em que é discutida a justificativa pela qual os profissionais da educação realizam o encaminhamento das crianças para os atendimentos individuais com psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos. No segundo subcapítulo, “Os seguimentos de uma aprendizagem”, será discutido o conceito de aprendizagem escolar. No terceiro subcapítulo, “O esclarecimento da situação de não-aprendizagem”, serão levantados argumentos em relação a essa situação momentânea que a criança pode estar vivendo.

Em seguida, serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Após, é

realizada uma análise (capítulo 4 - “Explorando as indagações analíticas”) encadeada às entrevistas com os professores e profissionais. No primeiro subcapítulo, nomeado “Afetividade: um desdobramento significativo”, percebe-se a importância da afetividade na vida das crianças que se encontram em uma situação de não-aprendizagem e o aspecto positivo dessa afetividade, para que a criança consiga superar os seus desafios. No segundo subcapítulo, denominado “Benefícios e impactos do atendimento individual”, é possível perceber os impactos positivos e favoráveis dos atendimentos individuais no contexto educacional. De acordo com a temática, no terceiro subcapítulo, nomeado “Situação de não-aprendizagem: um contexto fixo?”, a situação de não-aprendizagem é analisada como algo momentâneo, ou seja, com ajuda e apoio dos professores, de profissionais e da família, a criança conseguirá superar esse período. Por fim, no último capítulo, “Considerações finais: despertando algumas reflexões”, serão apresentadas as reflexões finais da pesquisa em um contexto geral.

2 O INÍCIO DO DEVANEIO: O CONCEITUAL

Neste capítulo são apresentados os referenciais teóricos a respeito dos três conceitos fundamentais da pesquisa, sendo eles: atendimento individual, aprendizagem e situação de não- aprendizagem. No primeiro subcapítulo, intitulado “A concepção dos atendimentos individuais”, são debatidos os aspectos específicos em relação aos atendimentos individuais com psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e aos atendimentos educacionais especializados (AEE). Em relação aos atendimentos individuais, são levados em consideração os autores Bossa (1996, 2000, 2002), Foucault (2004), Fini (1996), Trinca e Barone (1996), Beyer (1996) e Konrath (2010).

No subcapítulo seguinte, nomeado como “Os seguimentos de uma aprendizagem”, disserta-se sobre o conceito de aprendizagem em relação ao contexto escolar. Neste subcapítulo, estuda-se a questão de que a aprendizagem se encontra em diversos lugares, a sua importância e a conexão com a cognição, a afetividade e o comportamento. Os autores Freire (1987), Biesta (2013), Moreira (1999), Campos (1987) e Beyer (1996) se fazem presentes nesta discussão.

No último subcapítulo, denominado “O esclarecimento da situação de não aprendizagem”, apresenta-se o conceito da não-aprendizagem como sendo uma condição momentânea do ser humano. Serão analisadas, neste capítulo as justificativas que mostram porque a criança é considerada não-aprendente, quando esta não apresenta nenhuma deficiência, o que faz pensar sobre a falta de preparo dos profissionais para a prática escolar quando eles necessitam atender alunos que se encontram em situação de não-aprendizagem. Os autores que sustentam as afirmações pertinentes ao assunto são Dockrell (2000), Bossa

(2000, 2002) e Konrath (2010).

2.1 A concepção dos atendimentos individuais

No decorrer deste subcapítulo, são apresentados o conceito de atendimento individual no contexto educacional e os possíveis impactos na aprendizagem. Os atendimentos individuais estão cada vez mais sendo procurados pelos educadores por permitirem ajuda e apoio preventivo aos indivíduos, de modo a qualificar a aprendizagem. Normalmente, a observação da necessidade de um atendimento escolar ocorre na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. Os profissionais da educação, ao perceberem algo diferente nas atitudes da criança, na maioria das situações, encaminham para algum atendimento, seja de fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, conforme a necessidade ou a dificuldade de cada indivíduo. Bossa (2000) afirma que “[...] ainda hoje professores, orientadores educacionais, diretores e outros profissionais da escola, diante das dificuldades escolares, encaminham logo o aluno para o médico” (BOSSA, 2000, p. 79). Neste sentido, percebe-se que em várias escolas ocorre essa prática de encaminhamento para os atendimentos com muita facilidade. E será que essa situação é necessária? Até que ponto os encaminhamentos trazem apenas benefícios aos educandos?

Se a criança corresponde ao objetivo esperado, estará de acordo com as particularidades de ser “normal”. Se caso tiver atitudes contrárias ao dito “normal”, será considerada “anormal” necessitando de uma assistência individual para conseguir atingir aquele determinado objetivo. Percebe-se, portanto, que a escola contribui com a produção do sujeito normal e anormal, pois a própria escola, em alguns momentos, rotula os alunos desta maneira. É possível pensar que, ao realizar o encaminhamento, o professor use a subjetividade para fazer sua análise e suas reflexões diante das atitudes dos alunos.

A partir dos estudos realizados, relacionam-se os conceitos de “normal” e “anormal” com atitudes que caracterizam a criança de acordo com esses conceitos. Foucault diz que “[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm função de conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 8). Diante dessa colocação, percebe-se que Foucault acredita que na sociedade existem discursos de exclusão, de rejeição das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Tais discursos, segundo ele, são

controlados e selecionados, de modo a tornar a sociedade mais homogênea. Assim, o que é produzido pela sociedade deve ser seguido respeitando as suas regras restritas?

Quando o sujeito apresenta dificuldades na sua aprendizagem é considerado “anormal”. Isso ocorre, na maioria das vezes, porque o sujeito não segue as regras determinadas e, portanto, “precisa” ser acompanhado. Essa prática de separação do sujeito do contexto no qual se encontram os ditos “normais” ocorre pelo fato de não seguir o padrão determinado. Na realidade, será que é necessário seguir o padrão? Todos que não seguem são considerados “anormais”?

Sendo assim, pode-se pensar que os atendimentos individuais ocorrem para prevenir, auxiliar e superar as dificuldades da criança, além de verificar e compreender as habilidades. Bossa comenta sobre a atuação da psicopedagogia no ambiente escolar em “[...] cujo trabalho requeira compreender melhor o que se passa com a criança” (BOSSA, 1996, p. 7). Não há um direcionamento ao atendimento sem um sentido, ou seja, é preciso ter uma intenção de entender o que a criança está vivendo naquele momento de sua vida. As vivências das crianças podem estar ligadas diretamente com a sua aprendizagem, uma vez que a realidade em que a criança está inserida ajuda positiva ou negativamente em sua aprendizagem.

Fini afirma que “[...] um grande número de alunos tem apresentado dificuldades de diferentes tipos e rendimento insatisfatório em relação a padrões definidos pela escola” (FINI, 1996, p. 64). Com a criação desse padrão, com certeza, existirão crianças que não o seguirão e serão classificadas como “anormais”. Com todas as diferenças que os indivíduos apresentam, seguir os padrões, muitas vezes, não é tão simples. Por exemplo, para algumas crianças, seguir determinadas regras na escola é bem comum, já para outras é algo totalmente novo que precisa ser entendido antes de ser seguido. A criança precisa situar-se no espaço para conseguir se adaptar ou se adequar à nova realidade. Como afirmam Trinca e Barone (1996), aquela criança que já vivenciou algo nas suas relações anteriores consegue aceitar e compreender a mesma situação com mais facilidade do que aquela que nunca a vivenciou anteriormente. Ninguém nasce sabendo das coisas, tudo precisa ser aprendido, o simples fato de segurar talheres corretamente leva muito tempo para alguém que nunca o fez.

Frente a tais colocações, é possível pensar que algumas crianças têm sucesso na escola, conseguem seguir o padrão determinado e são “normais” de acordo com todas as situações propostas. Aquelas crianças que não conseguem ter o mesmo ritmo de

aprendizagem e acompanhar o padrão são consideradas “atrasadas”, “anormais”. Nesses momentos, será possível criticar e culpar apenas a criança? Será que é possível chamar de insucesso essa fase de sua vida?

Fini afirma que,

O erro e a injustiça que se pode cometer ao se culpar o aluno, em quaisquer casos de insucesso escolar, e deixar de analisar cada situação de maneira mais crítica e abrangente, considerando-se a dimensão política e filosófica da educação, a situação da escola e as responsabilidades dos professores (FINI, 1996, p. 66).

Os atributos do “insucesso escolar” não são apenas de um responsável, como diz Fini, “são de conhecimento público geral, e não apenas dos profissionais da área, a insuficiência de verbas para a educação, as precárias condições administrativas, estruturais e pedagógicas das escolas públicas, [...] além de inúmeros outros problemas” (FINI, 1996, p. 66). É importante relacionar a educação com a sociedade, com a cultura, com a família. Não é viável pensar que os professores da escola são os culpados pela criança ter dificuldades. Do mesmo modo, não é pertinente pensar que a família tem essa culpa. Deve-se pensar que existe toda uma relação afetiva, cognitiva e comportamental que faz com que a criança tenha determinadas atitudes em sua vida.

Cada criança possui a sua particularidade que será expressada de acordo com suas convicções. Para Trinca e Barone, “[...] a criança utiliza e expressa sua maneira pessoal e particular de lidar com a realidade, maneira esta que é a reedição das histórias de suas relações passadas” (TRINCA; BARONE, 1996, p. 50). A realidade em que a criança se constitui tem muita relação com a sua aprendizagem e com as vivências que teve ao longo de sua vida. Quando o aluno se encontra com dificuldade de aprendizagem, não é possível encontrar apenas um erro e ser corrigido, são várias conexões que fazem essa prática se efetivar.

É possível observar que, nos últimos tempos, as crianças são mais encaminhadas para os atendimentos individuais. Para qualquer reconhecimento de diferença no “normal”, do “padrão”, ocorre o direcionamento para outros profissionais. Existe um aumento constante de clínicas de atendimento psicológico contando com um trabalho de qualidade que auxilia na busca de melhorias. Nesse contexto, pensa-se: qual será o motivo desse aumento de atendimentos individuais? O que está acontecendo na escola, na família e na sociedade?

Nessa pesquisa, busca-se pensar em relação aos atendimentos e ao direcionamento dos

professores em prol da busca de mais qualidade na aprendizagem das crianças. A vinculação com essa rede de atendimentos individuais é essencial para este estudo. Analisando a psicopedagogia, percebe-se que ela é focada na prevenção, relacionada com o institucional. Os psicopedagogos não desenvolvem seu trabalho apenas em clínicas, mas também no setor educacional da própria estrutura física escolar. Fini afirma que “[...] diferentes possibilidades do trabalho psicopedagógico, como a preventiva e inclusive como um elemento para a melhor compreensão e superação de problemas da escola pública como o fracasso escolar e evasão, [...]” (FINI, 1996, p. 68) podem auxiliar muito os alunos na aquisição de novas aprendizagens. Na questão preventiva, é realizado um trabalho assessorado nas escolas e, de acordo com Fini (1996), também são realizados atendimentos para aquelas crianças que já apresentam problemas instalados.

Entretanto, Bossa afirma que “a escola é, então, participante desse processo de aprendizagem que inclui o sujeito no seu mundo sociocultural. Ela é, com efeito, a grande preocupação da psicopedagogia em seu compromisso com a ação preventiva” (BOSSA, 2000, p. 90). Assim, identifica-se que a escola tem grande poder na prevenção das dificuldades apresentadas pelas crianças. Muitas vezes, as crianças passam mais tempo na escola do que em casa com a sua família. Desse modo, percebe-se que o professor tem um papel afetivo fundamental e muito próximo das crianças. Por isso, a sua interferência será compreendida por elas, atingindo-as de forma positiva em relação à aprendizagem.

Além do professor, percebe-se que o papel dos profissionais que realizam os atendimentos individuais é de extrema importância, pois pode transformar a vida das crianças. Nos atendimentos, os profissionais não trabalham os conteúdos como em uma aula particular, ao contrário, possibilitam à criança auxílio para que consiga ter condições próprias de se desenvolver cognitivamente e afetivamente. É possível afirmar que, através do diálogo e da construção, auxiliarão as crianças de forma muito positiva nas suas vivências. Acredita-se que esses atendimentos podem incentivá-las a terem mais autonomia em sua vida, a escolher e a ter capacidades individuais. O vínculo afetivo é um grande aliado nesse contexto, pois consegue promover esse comprometimento com a aprendizagem, tornando-a significativa na vida da criança.

Bossa afirma que, “Nos primeiros momentos da vida, a criança só procura contatos externos, quando uma necessidade interna a solicita; caso contrário, mantém-se em um relativo estado de isolamento, em que predominam as chamadas experiências interiores”

(BOSSA, 2002, p. 129). Pode-se perceber que é necessário, desde o nascimento, ter estímulos externos para que a criança consiga se desenvolver, caso contrário, permanecerá aguardando em estado de isolamento, como diz Bossa (2002). Isolamento no sentido de que permanecerá igual se não tiver incentivo, assim, para que aconteça a comunicação desde bebê, é de extrema importância que o externo incentive esse desenvolvimento. Nessa fase, o lúdico é muito instigado para que ocorra essa progressão no aspecto cognitivo.

No contexto escolar, percebe-se que é preciso desafiar as crianças a novas experiências e a buscar novos percursos. É necessário que as crianças saibam se comunicar e saibam se relacionar oralmente. Bossa, em relação à necessidade de auxílio e evolução menciona,

O ser humano sempre depende, em algum grau, de seu semelhante, para a plena realização de suas tendências instintivas, inclusive na idade adulta. Nesse aspecto, o que caracteriza à criança é o grau em que ela depende de alguém para sobreviver e suas consequências (BOSSA, 2002, p. 141).

Como diz Bossa (2002), sempre são necessários a ajuda e o apoio de alguém, ou seja, quanto menor for a criança mais ajuda precisará. A dependência de alguém sempre decorre das suas necessidades. Por exemplo, um bebê, quando quer o “bico”, precisa que alguém o coloque na sua boca, pois ainda não desenvolveu as habilidades cognitivas para conseguir pegá-lo sozinho. O apoio varia de acordo com as necessidades e a faixa etária, mas sempre é necessário e importante.

Muitas vezes, as crianças saem de suas famílias ainda quando são bebês e, primeiramente, começam a frequentar as creches. A partir dessa vivência, a criança começa a criar laços afetivos e vínculos com as pessoas de fora do seu contexto familiar como, professores e colegas. Nesse sentido, mais uma vez, pode-se observar que a afetividade tem grande importância na vida educacional para que a criança consiga alcançar mais confiança para se desenvolver.

Se o professor buscar novas metodologias, procurando “atingir” todas as crianças de diferentes formas, poderá obter ótimos resultados na aprendizagem. Como diz Bossa, “Pensar a escola, à luz da Psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo, conforme já dissemos, a participação da família e da sociedade” (BOSSA, 2000, p. 91). É possível tornar a escola um local prazeroso de se frequentar buscando novas vivências e as agregando na construção da aprendizagem. Além disso, é importante o desenvolvimento de situações de aprendizagem a partir do interesse das crianças

para que ocorra um envolvimento positivo e prazeroso. A psicopedagogia visa à questão da construção das relações da aprendizagem, enfatizando sua importância. É, segundo Bossa, “[...] dar-se ao professor e ao aluno um nível de autonomia na busca do conhecimento [...]” (BOSSA, 2000, p. 91).

Quando a criança demonstra interesse em determinada aprendizagem, será algo prazeroso e bem aproveitado. É importante, na prática, atingir as crianças de acordo com o que chama a sua atenção. Se não for algo atrativo e diferente, a criança não irá participar e nem sentirá “atração” por aquela situação proposta. Compete ao professor propor situações de aprendizagem desafiadoras, fazendo com que a criança tenha autonomia para a criação. Também é extremamente importante construir junto com a criança um processo reflexivo para que consiga sozinha observar sua condição de desenvolvimento e crescimento. Junto com o professor, a criança se sente mais confortável e confiante para realizar essa construção positiva da sua aprendizagem. Além do professor, como dito anteriormente, é possível pensar que a criança aprende juntamente com as pessoas que estão ao seu redor. Beyer colabora com essa ideia quando afirma que “[...] o desenvolvimento cognitivo da criança depende principalmente das experiências de aprendizagem mediada propiciada por pessoas próximas (mãe, pai, irmãos, etc.)” (BEYER 1996, p. 77). Por outro lado, se caso não tiver esse envolvimento, ocorre um descompasso na sua aprendizagem, o que pode causar uma situação de não-aprendizagem.

O envolvimento da criança na construção da sua aprendizagem faz com que ela perceba as suas capacidades. É muito importante desenvolver as habilidades das crianças para atingir seus objetivos e construir novas aprendizagens. É necessário deixar a criança livre para ter suas decisões organizadas. De acordo com Konrath,

Privar uma criança dos desafios proporcionados pela escola, é privá-la de se desenvolver. Quanto maior forem os desafios e estímulos proporcionados pelo meio, maior será a possibilidade deste indivíduo responder ao que lhe é proposto, desenvolvendo suas habilidades perdidas ou talvez nunca antes desenvolvidas (KONRATH, 2010, p. 29).

Quando Konrath cita a questão de habilidades que talvez nunca tenham sido desenvolvidas, pode-se pensar que as dificuldades podem surgir pelo fato de não potencializar determinada aprendizagem ou pelo fato de não desenvolver certas habilidades dos indivíduos. Existem inúmeras metodologias que os profissionais podem usar para conseguir desenvolver a participação das crianças nos processos de aprendizagem. Recursos e ideias existem e precisam sair do papel e ser colocados em prática.

Não é uma atribuição fácil descobrir e esclarecer o desenvolvimento de uma criança. O professor, toda a sociedade e a rede de atendimento possuem um compromisso enorme, repleto de responsabilidade, e poderão impactar positiva ou negativamente na vida dos indivíduos. Os atendimentos individuais contam com uma rede de assistência envolvendo psicopedagogos, médicos, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros. Essa pesquisa propõe observar todas as áreas, mas com mais atenção, a atuação do psicopedagogo. Esses atendimentos individuais ocorrem com a imensa responsabilidade de garantir a aprendizagem das crianças com mais dificuldade. Esse assunto será tratado com mais especificidade no próximo subcapítulo.

2.2 Os seguimentos de uma aprendizagem

Neste subcapítulo será apresentado o conceito de aprendizagem e suas repercussões na Educação e na sociedade, uma vez que a aprendizagem se encontra em todos os lugares, em todas as situações. Não existe alguém que “sabe tudo”, pois constantemente se estão produzindo novas aprendizagens. Desde o nascimento, o ser humano encontra-se em incessante aprendizagem e, conforme cresce, ocorre o aumento da capacidade de aprender.

Campos afirma que “cada indivíduo é o que é, em grande extensão, pelo que aprendeu e ainda pelos modos segundo os quais, em novas emergências de ajustamento, poderá aprender, integrando seu comportamento e experiência em novos padrões” (CAMPOS, 1987, p. 14). Percebe-se que o ser humano está sempre buscando novas descobertas e, com isso, vai agregando-as à sua caminhada. Assim, todas as vivências integram a sua vida de forma positiva ou negativa. A aprendizagem ocorre desde os tempos antigos, a cultura, a religião e as tradições são adquiridos através dela. Desta forma, é possível pensar que

A aprendizagem é um processo tão importante para o sucesso da sobrevivência do homem que foram organizados meios educacionais e escolas para tornarem a aprendizagem mais eficiente. As tarefas a serem aprendidas são tão complexas que não podem ser deixadas para obra do acaso (CAMPOS, 1987, p. 15).

Como ressalta Freire, é possível aprender “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (FREIRE, 1974, p. 43). Na medida em que o ser humano vai criando, vivendo e decidindo, vai se formando um processo de aprendizagem e se desafiando a se integrar cada vez mais na sociedade.

Há um constante aprendizado fora da escola, na sociedade, apropriando-se de temas e questões partindo do seu interesse pessoal. Entende-se que na escola a criança também demonstra sua disposição por determinadas coisas ou situações e, com isso, é possível criar um ambiente de aprendizagens partindo da sua autonomia. Desta forma, percebe-se que a educação tem grande importância e influência na vida do ser humano. Como afirma Biesta, “[...] a educação tornou-se compreendida como o processo que ajuda as pessoas a desenvolver seu potencial racional para que possam se tornar autônomas [...]” (BIESTA, 2013, p. 19). Verifica-se que a criança possui capacidades de liberdade de escolhas, fazendo parte do seu desenvolvimento cognitivo, humano e social.

Percebe-se que a mudança de atitudes e de um ponto de vista decorrem de um processo de aprendizagem no qual a criança consegue compreender as características e modificar seu pensamento. Segundo Campos (1987), a aprendizagem é a mudança de um comportamento, a modificação de uma conduta, o conhecimento de uma nova aquisição. Em seu livro, Campos afirma que existem diversos conceitos de aprendizagem na visão de alguns psicólogos, dentre elas, “Um processo de associação entre uma situação estimuladora e a resposta [...]; um processo de reforço do comportamento [...]; um condicionamento de reações [...]; um processo perceptivo, em que se dá uma mudança na estrutura cognitiva [...]” (CAMPOS, 1987, p. 28, 29). Pode-se pensar que, de acordo com essas possibilidades de conceituar, a aprendizagem tem relação com a mudança de comportamento e com o surgimento de novos resultados.

De acordo com Moreira, “O comportamento é controlado pelas consequências: se a consequência for boa para o sujeito, haverá uma tendência de aumento na frequência da conduta e, ao contrário, se for desagradável, a frequência de resposta tenderá a diminuir” (MOREIRA, 1999, p. 14). Isso significa que, através dos estímulos positivos por parte dos professores e profissionais da educação, a criança poderá aumentar ou diminuir sua frequência de comportamento, tendo como resultado a sua aprendizagem.

A aprendizagem escolar não é apenas aquisição de novos conhecimentos em uma abordagem conteudista, mas consiste em aprender as regras de convivência na prática, demonstrar confiança, interesse e aceitação. Segundo Campos,

A aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas. Isto significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou

unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários (CAMPOS, 1987, p. 33).

A aprendizagem precisa ser desenvolvida em todos os aspectos. Se considerar apenas o aspecto conteudista, com certeza, haverá rupturas no aspecto físico e emocional. É indispensável o desenvolvimento de todos os aspectos para conseguir ter uma prática com qualidade. Moreira (1999) diz que as teorias da aprendizagem fazem relação com a filosofia comportamentalista (behaviorismo) e com a cognitivista (construtivismo). No cognitivismo tem relação com o “conhecer o mundo”. Nesse sentido, Moreira afirma que

A filosofia cognitivista trata, então, principalmente dos processos mentais; se ocupa da atribuição de significados, da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição. Na medida em que se admite, nessa perspectiva, que à cognição se dá por construção chega-se ao construtivismo [...] (MOREIRA, 1999, p. 15).

O cognitivismo engloba toda a questão da aprendizagem com compreensão. Se a criança não consegue compreender determinada atitude, de nada valerá em sua vida. É preciso utilizar metodologias qualificadas para “atingir” positivamente a vida da criança. Assim, percebe-se novamente que a aprendizagem resulta na mudança de comportamento do aprendente, na maneira de agir e de realizar as coisas. Segundo Campos, “o indivíduo que aprende pensa sobre o que faz ao aprender; forma, pelo menos, uma noção da natureza geral e do significado deste processo [...]” (CAMPOS, 1987, p. 51).

Nesse sentido, pode-se pensar que, se o indivíduo, ao memorizar algo, não estará aprendendo, isso não fará diferença para a sua vida. Um aprendizado com prazer, com certeza será mais qualificado na vida de uma criança do que aquele rígido. Ainda existem alguns professores que preferem transmitir o conhecimento, tornando a aula cansativa. Aquele professor que “toca” a criança em uma construção de aprendizagem, com certeza a terá atingido com mais proximidade.

Moreira destaca que “no ensino, esta postura implica deixar de ver o aluno como um receptor de conhecimentos, não importando como os armazena e organiza a sua mente. Ele passa a ser considerado agente de uma construção que é sua própria estrutura cognitiva” (MOREIRA, 1999, p. 15). É possível criar um ambiente de construção, em que o sujeito consiga mostrar sua própria produção, entretanto, será que os professores e profissionais estão preparados para desenvolver essa prática? Pode-se pensar em um ambiente de construção no qual todas as crianças são atingidas da mesma forma?

Essas questões permitem uma reflexão em relação às distinções encontradas em cada criança. É possível realizar essa prática se os profissionais buscarem metodologias que atinjam todos os diferentes níveis de desenvolvimento. De acordo com Beyer, “pesquisas têm evidenciado que os ritmos evolutivos são diferenciados, tornando-se mais lentos quanto mais severa for a dificuldade cognitiva” (BEYER, 1996, p. 28). Na verdade, todos os seres humanos possuem ritmos diferentes, porém, muitas vezes, aqueles mais lentos são caracterizados como “anormais”, levando em consideração padrões da sociedade e da escola.

Neste seguimento, verifica-se que, ao constituir-se, este sujeito rotulado como “anormal” é conduzido para um atendimento individual com o intuito de melhorar o seu desenvolvimento, fazendo com que modifique o seu ritmo de aprendizagem. Nessa perspectiva, é viável pensar que os atendimentos individuais o tornarão um sujeito “normal”? Ou irão amparar o seu desenvolvimento? Os atendimentos individuais garantem uma melhoria da aprendizagem?

Beyer declara, em relação à psicopedagogia, que “Sua tarefa precípua consiste, antes, em promover o desenvolvimento infantil, o que significa propiciar, por meio de procedimentos de apoio e também preventivos, o desenvolvimento pleno da criança” (BEYER, 1996, p. 30). Nesse sentido, percebe-se que os atendimentos individuais são norteadores de uma assistência ao professor no desenvolvimento das crianças conduzidas para essa vivência.

A partir dos estudos realizados, é possível afirmar que a aprendizagem precisa ser construída de forma qualificada e positiva para conseguir o seu desenvolvimento pleno. Para além, percebe-se que existe o que se denomina nesta pesquisa como “situação de não-aprendizagem”, o que ocorre quando a criança não consegue desenvolver a aprendizagem de acordo com a expectativa da instituição de ensino na qual está inserida. Essa situação de não-aprendizagem será o tópico de discussão do próximo subcapítulo.

2.3 O esclarecimento da situação de não-aprendizagem

Ao longo deste capítulo, será analisada a situação de não-aprendizagem. Nesse contexto, pode-se dizer que existem inúmeras justificativas pelas quais os estudantes apresentam dificuldades na escola. Bossa afirma que “Uma criança pode não aprender porque

não sabe lidar com as leis e as regras da vida [...]. Uma criança pode ter um problema de saúde que atrapalha sua aprendizagem escolar” (BOSSA, 2000, p. 56, 57). Portanto, a causa da situação de não-aprendizagem é diferente de acordo com o contexto em que a criança está envolvida.

Dockrell e McShane afirmam que, nesse contexto “[...] parece apresentar dificuldades de aprendizagem temporárias ou permanentes” (DOCKRELL; MCSHANE, 2000, p. 13). Diante disso, é possível perceber que existem dificuldades na aprendizagem com vários e diversos tempos de duração, podendo haver situações diferentes para cada criança que apresenta alguma dificuldade na aprendizagem. Todos possuem características diferentes de acordo com a sua vivência, então, será que é possível descobrir se a criança possui ou não dificuldades na aprendizagem? Qual é o seu tempo de duração? Poderá melhorar dentro de quanto tempo? Irá melhorar ou continuará igual?

Se de fato concorda-se que a criança possui dificuldades na aprendizagem, conclui-se também que existe o “normal” e o “anormal”. A criança “normal” possui características seguindo as regras propostas e as determinações de acordo com o esperado. Entretanto, a criança “anormal” não acompanha essas determinações em comparação a quem é “normal”. Para adquirir essas conclusões, é necessário muita observação e análise do contexto em geral.

Conforme afirma Konrath, “cada sociedade, conforme seu discurso, vai criando particularidades desse corpo que se constrói de formas diferentes para cada situação [...]” (KONRATH, 2010, p. 10). São inúmeros discursos que englobam o contexto em que a criança vive, desse modo, é inevitável a concepção do ambiente e da criança para conseguir identificar o foco da sua experiência.

De acordo com Dockrell e McShane (2000) é possível identificar que a criança apresenta dificuldades de aprendizagem analisando três partes: a tarefa (desempenho de habilidades), a criança (cognitivo e psicológico) e o ambiente (contexto externo). Em virtude dessas colocações, é possível analisar, compreender e buscar soluções para a criança que apresenta dificuldades na aprendizagem.

Dockrell e McShane também afirmam que,

Para se compreender as razões que levam uma criança a se desempenhar pior em determinada tarefa cognitiva que as crianças normais, devemos conhecer de maneira clara o que está envolvido na realização satisfatória da tarefa em questão, e então usar esta compreensão para analisar onde está o problema das crianças com dificuldades de aprendizagem (DOCKRELL; MCSHANE, 2000, p. 17).

De acordo com o autor, é indiscutível que se descobrirá o que se procede na vida da criança. Para isso, o professor precisa compreender como funciona esse processo para que não tenha atitudes de forma inconsequente. Nesses momentos, os professores necessitam da ajuda de especialistas como psicopedagogo, fonoaudiólogo, psicólogo, para que, de fora da sala de aula, realizem estudos e interferências.

Muitas vezes se percebe que a educação não está preparada para esses desafios. De acordo com Bossa, tal evidência “[...] leva-nos à constatação de que pesquisar a questão do sintoma escolar é de fundamental importância, pois tem-nos mostrado o quanto a escola, o professor, a família e a própria ciência estão despreparados para a complexidade desse fenômeno” (BOSSA, 2002, p. 17). Nesse sentido, Bossa (2002) quer dizer que existem inúmeros motivos pelos quais pode-se explicar o que se estipula como fracasso escolar. Quando cita-se “fracasso escolar”, não determinamos os acontecimentos apenas na escola, mas muito além disso, na família, na sociedade, o que desencadeia uma situação que necessita de orientação.

O termo “fracasso escolar”, conforme Bossa (2002), vem crescendo alarmantemente na educação. É preciso pensar uma escola de mais qualidade que consiga atingir seus objetivos e vencer os problemas que surgem no decorrer da vida educacional. Os conteúdos devem e precisam ser compreendidos pelos estudantes de acordo com suas capacidades, com métodos prazerosos e que se tornem positivos na vida das crianças.

Além disso, é possível pensar como Dockrell e McShane quando afirmam que “Algumas vezes, todos os diferentes fatores estão interligados” (DOCKRELL; MCSHANE, 2000, p. 17). Desta forma, percebe-se, novamente, que é indispensável analisar o contexto social em que a criança vive, para constatar de forma mais apropriada as dimensões da sua vivência. Pode-se dizer, primeiramente, que a reflexão é necessária para poder analisar e pensar melhor as suas atitudes e pensamentos da criança acerca das situações do mundo. Após isso, o estudante poderá conseguir compreender o papel da escola na sociedade.

Como destaca Bossa, “[...] podemos afirmar que as consequências do ‘não aprender’ para a criança de nossa cultura são irreversíveis e determinam boa parte de sua vida; o insucesso escolar decide a direção de seu futuro [...]” (BOSSA, 2002, p. 72). É possível pensar, através dessa citação, o quanto é importante solucionar e enfrentar os desafios da vida. Não se pode deixar uma situação de problema como ela se encontra, é preciso coragem para

superar e depois seguir em frente sem mais sofrimentos.

Bossa (2002) afirma que existe na contemporaneidade um sofrimento escolar com diferentes vivências que irão se desenvolver na escola. O ser humano age de acordo com o que o seu psicológico compreende e entende que é correto. Possui um sentido que parte da personalidade e da situação vivenciada pelo sujeito. São inúmeras as causas apontadas que se relacionam com a aprendizagem e, nesse sentido, de acordo com Konrath, “[...] podemos observar aquelas que estão relacionadas à estrutura do sujeito, outras vêm de acordo com outros acontecimentos” (KONRATH, 2010, p. 24).

Todos os seres humanos podem e conseguem vivenciar a mesma situação de formas diferentes, com intensidades, velocidades, organizações variadas. Isso significa que existem múltiplos fatores que resultam em uma mesma ordem. Outra situação que se pode destacar são as mudanças nas manifestações de acordo com o que acontece na vida. Por exemplo, uma criança, ao nascer seu(a) irmão(ã) mais novo(a), muda sua conduta ao perceber que os pais estão dedicando mais atenção para a nova criança. Essa atitude irá refletir, conseqüentemente, no contexto escolar. Como disserta Bossa (2002), pode ser uma atitude consciente ou inconsciente da condição humana. Relaciona-se conduta com a aprendizagem quando tudo que o ser humano vive é integrado ao campo psicológico. Além disso, Konrath afirma que,

Nossas vivências provocam reações motoras ou intelectuais. Aprendemos aquilo que vivenciamos conforme nossas oportunidades e relações. A quantidade e qualidade a qual desempenhamos essas vivências, dirá o quanto podemos nos desenvolver no decorrer de nossas vidas (KONRATH, 2010, p. 28).

Com essa citação, percebe-se que as influências e os estímulos são muito importantes para o desenvolvimento do ser humano. O fator biológico também faz parte desse progresso, porém, as crianças se desenvolvem também dependendo dos estímulos do ambiente externo. Deste modo, identifica-se que o professor, promovendo estímulos e vivências, é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem. Como profissional, precisa compreender que todos os seres humanos são diferentes, compostos por infinitas diversidades que contribuem para o seu crescimento. E aqueles alunos que apresentam alguma dificuldade no seu desenvolvimento, requerem uma atenção maior.

Nesse contexto, Bossa afirma que “as crianças com dificuldades de aprendizagem escolar têm sempre uma teoria para explicar sua problemática [...]” (BOSSA, 2002, p. 102). Cabe aos profissionais envolvidos compreender o contexto familiar e social da criança para entender o que está acontecendo. De nada adianta encaminhar para atendimentos individuais

se não considerar e interpretar a situação geral.

Por sua vez, Fini afirma que os atendimentos individuais atuam de forma a “[...] esclarecerem possíveis causas do mau rendimento escolar e de se definirem procedimentos de enfrentamento da situação” (FINI, 1996, p. 64). Assim, buscam-se os atendimentos individuais com o intuito de apoio em relação às dificuldades encontradas na aprendizagem.

A partir dos estudos realizados, é possível afirmar que a situação de não aprendizagem é uma circunstância momentânea que, com apoio dos professores e profissionais como psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, dentre outros, pode ser superada. Conseqüentemente, os fatores que envolvem a condição humana, o cognitivo e o comportamental no desenvolver da vida, serão transformados.

3 DELINEANDO A METODOLOGIA

Neste capítulo, disserta-se sobre a metodologia que foi utilizada para a efetivação da pesquisa. Em relação à metodologia, Chemin afirma que,

[...] há inúmeros **procedimentos metodológicos** (caminhos, métodos, normas, regras, padrões, modos, protocolos, materiais que serão adotados para alcançar determinado objetivo), ou seja, à melhor forma de investigar, de buscar soluções para os problemas está no estudo e na aplicação de modelos de pesquisas que já demonstraram consistência teórica e prática (CHEMIN, 2015, p. 53-54).

Nesse contexto, Minayo afirma que “[...] a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática” (MINAYO, 1994, p. 16). Nessa continuação, percebe-se que a prática precisa estar relacionada com a teoria, para juntas concretizarem a exploração vinculada à realidade.

A presente pesquisa busca compreender quais são os impactos dos atendimentos individuais realizados por psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos na aprendizagem das crianças. Destaca-se o quanto importante é investigar essa questão no ambiente escolar justamente pelo fato de esses atendimentos terem avançado de forma rápida e com muita procura.

Como defende Minayo “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (MINAYO, 1994, p. 15). Sendo assim, é através da pesquisa que ocorre o estudo da importância da compreensão do mundo em que o ser humano está inserido e, conseqüentemente, das atitudes e pensamentos que dele decorrem.

3.1 Abordagem da pesquisa

Visto que a pesquisa busca analisar como funcionam esses atendimentos individuais e seus impactos na aprendizagem, a abordagem será qualitativa, uma vez que,

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21, 22).

Sendo assim, a abordagem qualitativa não busca encontrar dados quantitativos, mas procura compreender a relação dos processos que não podem ser quantificados. Nesse sentido, defende-se a ideia da construção da compreensão da realidade humana a ser estudada, nesse caso, os impactos dos atendimentos individuais no processo de aprendizagem das crianças.

3.2 Tipos de pesquisa

Para proceder à investigação, a pesquisa é bibliográfica com o intuito de verificar diversos encadeamentos relacionados ao tema e subsídios conceituais para refletir sobre os dados gerados neste estudo. Lakatos e Marconi afirmam que a pesquisa bibliográfica “[...] abrange os livros, artigos, publicações e documentos utilizados [...]” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 227) na pesquisa.

Gil afirma que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1991, p. 50). Nesse sentido, percebe-se que a pesquisa terá mais “diálogo” por ter uma ampla investigação.

A pesquisa bibliográfica é referenciada por materiais desenvolvidos por outras fontes bibliográficas, ou seja, todo conteúdo tem um referencial que foi explorado antes da sua construção. Além da pesquisa bibliográfica, este estudo apoiar-se-á também em uma pesquisa de campo a ser desenvolvida em uma escola da Serra.

Após percorrer essa parte, desenvolveu-se uma pesquisa de campo no semestre A de 2019. De acordo com Chemin, “[...] o estudo de campo possui maior profundidade. [...] tende a estudar um único grupo ou comunidade social” (CHEMIN, 2015, p. 62), ou seja, com a

pesquisa de campo, o estudo torna-se mais qualificado.

Como dizem Lakatos e Marconi, primeiramente é realizada uma pesquisa bibliográfica, ocorrendo o debate do assunto em questão, e depois se efetiva a pesquisa de campo que tem como objetivo “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.186).

3.3 A geração de dados

Para a realização da pesquisa de campo, foi selecionada uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da Região da Serra e apresentado o estudo. Na geração de dados, há o envolvimento de professores da escola e dos profissionais, como Fonoaudiólogo, Psicopedagogo e Psicólogo, que atuam no mesmo município com base em entrevistas.

Como a pesquisa de campo abrange mais de um envolvido, foram elaboradas algumas etapas para sua melhor compreensão. Para a realização do estudo, foi indispensável o diálogo sobre a temática com o(a) secretário(a) da educação (ver APÊNDICE A), com o(a) diretor(a) da instituição de ensino (ver APÊNDICE B) e com os profissionais e professores envolvidos na entrevista, por meio da entrega do termo de consentimento (ver APÊNDICE C).

Para a geração de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com três professores e três profissionais. Para Lakatos e Marconi “trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 196).

Mesmo que a entrevista tenha contado com um roteiro a ser seguido, deu liberdade para desenvolver outro questionamento no decorrer da conversação, o que a caracteriza como semiestruturada. Para Lakatos e Marconi, a entrevista semiestruturada “é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 197).

A entrevista com os professores e profissionais foi agendada de acordo com as datas e os horários disponíveis dos participantes. Além disso, foram gravadas para, posteriormente, serem transcritas, de acordo com Lakatos e Marconi, “[...] para maior fidelidade e veracidade

das informações” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 200).

A realização da entrevista com os professores (ver APÊNDICE D) foi realizada individualmente em momentos e datas separados. O mesmo ocorreu com a entrevista dos profissionais como fonoaudiólogo, psicopedagogo e psicólogo (ver APÊNDICE E). A entrevista foi realizada somente a partir do consentimento dos participantes e respeitando o sigilo de sua identidade de acordo com o termo de consentimento livre e esclarecido.

As questões norteadoras da entrevista tiveram como foco principal compreender como desenvolvem os atendimentos individuais e quais os impactos na vida das crianças.

3.4 Metodologia de análise dos dados

Por fim, foi realizada a análise e a interpretação. De acordo com Minayo, “[...] durante a fase de coleta de dados a análise já poderá estar ocorrendo” (MINAYO, 1994, p.68). No decorrer da entrevista, foi possível relacionar as respostas dos entrevistados com a pesquisa ainda durante a conversação. Desta forma, a análise de dados ocorreu de acordo com Bardin, com a finalidade de “[...] saber, esclarecer a especificidade e o campo de ação da análise de conteúdo” (BARDIN, 2011, p. 51).

Para a análise dos dados decorridos nas entrevistas realizadas pelos professores de uma Escola de Ensino Fundamental da Serra e com os profissionais que realizam os atendimentos individuais como fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo foi utilizado o método de análise de conteúdo. Para Chemin, a análise de conteúdo “permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação; instrumento voltado ao estudo de ideias [...]” (CHEMIN, 2015, p. 71).

Sendo assim, os dados foram lidos e analisados de acordo com o problema de pesquisa em relação aos atendimentos individuais e seus impactos na vida das crianças.

4 EXPLORANDO AS INDAGAÇÕES ANALÍTICAS

O presente capítulo é analítico e foi dividido em três subcapítulos, “Afetividade: um desdobramento significativo”, “Benefícios e impactos do atendimento individual” e “Situação de não-aprendizagem: um conceito fixo?”. Esta seção apresenta a contribuição desta pesquisa que versa sobre os atendimentos individuais no contexto educacional. Os dados analisados nos seguintes subcapítulos apresentam uma organização das informações geradas nas entrevistas com os profissionais (fonoaudióloga, psicóloga e psicopedagoga) e com os professores de um município da Serra gaúcha. Tais entrevistados foram identificados nesta escrita como professor 1, professor 2 e professor 3, bem como profissional 1, profissional 2 e profissional 3, para manter sigilo das suas identidades.

Para a análise dos dados coletados, realizou-se a transcrição das entrevistas com o agrupamento das ideias por aproximação dos três subcapítulos analíticos destacados acima.

4.1 Afetividade: um desdobramento significativo

Durante a elaboração da pesquisa foi possível perceber a relevância da afetividade no contexto educacional, porém não foi elaborado um estudo mais aprofundado sobre o assunto. Após a realização das entrevistas com os professores e profissionais, essa questão foi colocada com mais centralidade e, por isso, ganha um subcapítulo na pesquisa. Iniciando este subcapítulo, denominado, “Afetividade: um desdobramento significativo”, descreve-se brevemente sobre a importância da afetividade no contexto educacional com referências teóricas para a sua melhor compreensão na pesquisa. Posteriormente, destacam-se algumas questões levantadas pelos entrevistados em relação à temática.

Ao realizar a pesquisa de campo, percebeu-se que é essencial ter o envolvimento da afetividade no contexto educacional para o melhor progresso da aprendizagem. A afetividade está associada integralmente ao meio em que as crianças vivem e se relacionam. De acordo com o tema desenvolvido nesta pesquisa, é possível constatar a necessidade de debater sobre o papel da afetividade na vida das crianças. Como afirma Silva, “A afetividade é imprescindível para o processo de desenvolvimento [...]” (SILVA, 2017, p. 6069).

Sobre isso, Sarnoski defende que,

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela é a mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a cuidar adequadamente de todos nas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada (SARNOSKI, 2014, p.1).

Essa relação da afetividade com a vida do sujeito é que torna o processo de educação expressivo. A superação dos desafios, nesta construção, se torna mais eficaz com a existência dos sentimentos. É extremamente importante ter o sistema corporal e intelectual em equilíbrio juntamente com a afetividade, como se percebe na citação de Rocha e Kochhann, quando dizem que “é através das emoções que se tem acesso ao mundo adulto, sendo assim, a afetividade se desenvolve antes da inteligência” (ROCHA; KOCHHANN, 2015, p. 530).

O ser humano necessita que a sua afetividade esteja bem desenvolvida para que as outras coordenações consigam progredir. Como diz Rocha e Kochhann (2015), é indispensável o desenvolvimento da afetividade antes da inteligência - da construção de outros conhecimentos e vivências.

Esse contexto faz relação com Wallon que, em sua teoria, destaca a afetividade com uma presença indispensável na vida de todos os seres humanos. Da mesma forma, Rocha e Kochhann (2015) destacam que a teoria Walloniana possui três dimensões que influenciam o desenvolvimento dos indivíduos integralmente, são elas: motora, afetiva e cognitiva. Quando a criança possui o estímulo para as três dimensões, terá um bom desenvolvimento, não sendo possível a separação dos três segmentos.

Para Wallon, os vínculos positivos são influenciadores e são a base para todas as próximas vivências. Nesse sentido, de acordo com Rossini, “a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal - é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade” (ROSSINI, 2001, p. 10). Ou seja, a afetividade faz parte da vida de todos os

seres humanos, seja criança ou adulto.

Todos possuem diferenças como seres humanos, tanto no jeito de pensar como no de agir e, por isso, para que haja uma boa relação de convívio, é importante aceitá-las e saber manter um bom vínculo. No processo de aprendizagem, é relevante que todas essas diferenças sejam aceitas para que ocorra uma educação significativa e satisfatória na vida de todos. Quando o aspecto cognitivo é bem desenvolvido, com certeza a afetividade também será. De acordo com Sarnoski, “a afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações, tal estado é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo” (SARNOSKI, 2014, p. 3).

Todas as recordações e experiências serão levadas por toda a vida, por isso, a afetividade precisa estar bem desenvolvida desde criança. Como afirma Rossini “a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela ‘está’ em nós como uma fonte geradora de potência, de energia” (ROSSINI, 2001, p. 9). Nesse sentido, percebe-se que é muito pertinente ter a afetividade bem fortalecida para que se consiga ter energia e bem-estar, garantindo o crescimento pessoal, inclusive dentro do ambiente escolar.

Através das entrevistas realizadas nesta pesquisa, foi possível perceber a relevância atribuída pelos profissionais entrevistados na relação cognitiva e afetiva. Percebe-se que tais entrevistados atribuem isso ao fato de possibilitar o crescimento integral da criança, ou seja, com o aspecto cognitivo e com o emocional em alinhamento, as situações de aprendizagem são melhores recebidas pelas crianças escolares. Como afirmam Rocha e Kochhann, “os afetos, as emoções e os sentimentos são a base para nosso comportamento e é a partir dele que pensamos e tomamos decisões em nossas vidas, quiçá devesse considerar o aluno com um ser em sua totalidade e não como fragmentos” (ROCHA; KOCHHANN, 2015, p. 525).

Trata-se, portanto, de constatar a importância do desenvolvimento integral da criança para que se consiga ter uma aprendizagem significativa, como cita o Profissional 3 na entrevista: “*A grande maioria das crianças que possuem alguma dificuldade, no nosso município, é porque não possuem estímulo e afetividade em casa. São questões essenciais que nós precisamos insistir e persistir para que os pais colaborem*”². Ou seja, a afetividade no contexto escolar e familiar é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. Não é

² As entrevistas realizadas com os professores e os profissionais serão apresentadas no decorrer da escrita entre aspas e itálico.

possível pensar a educação de forma fragmentada, pelo fato de haver a necessidade de união destes segmentos para conseguir uma evolução positiva na aprendizagem.

Como afirma Sarnoski, “a criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento” (SARNOSKI, 2014, p.1). Muitas vezes, se pensa que a educação ocorre somente na escola, sem refletir sobre todas as situações e desafios que ela encontra no mundo, fora e dentro do contexto escolar. Desta forma, Rocha e Kochhann dizem que,

O ambiente no qual o indivíduo está inserido tem influências diretas no seu desenvolvimento, sendo assim, ele é constituído de aspecto biológico e ambiental. Na perspectiva vygotskyana os fatores ambientais são construídos a partir da relação do indivíduo com o meio social e é denominado com internalização que é a relação do ser com o mundo (ROCHA; KOCHHANN, 2015, p. 528).

A partir dessa citação, percebe-se a concepção de Vygotsky em relação à afetividade no ambiente escolar, na qual é indispensável o convívio do indivíduo com o meio em que vive. Na concepção Vygotskyana, de acordo com Rocha e Kochhann (2015), é relevante haver a comunicação entre os indivíduos para o desenvolvimento de um processo de socialização. O comportamento faz relação com o aspecto emocional, ou seja, é preciso ter as questões emocionais bem desenvolvidas para conseguir analisar as atitudes realizadas. Nesse sentido, no contexto educacional, Vygotsky diz que os professores precisam estimular emocionalmente as crianças, para que possam se sentir motivadas para aprender sempre mais. Ainda assim, através dessas experiências motivadoras, o ser humano se manifestará na vida social de acordo com o seu comportamento que está interligado com suas emoções. Nesse sentido, o Professor 1 diz que “*É de extrema importância ajudar e apoiar as crianças com muito carinho e atenção para que consigam se desenvolver. Quando há dedicação, eles ficam realizados*”. Em todas as circunstâncias do processo de educação, os indivíduos desenvolvem maneiras de pensar e agir e, quando há interesse, dedicação e apoio, com certeza haverá mais otimização da sua socialização e da sua aprendizagem. Para isso, cabe refletir sobre a importância da família e do professor na vida de todos os seres humanos.

O Profissional 3 também destaca em sua entrevista a relevância da família e do professor no processo de aprendizagem, quando diz que “*Os professores e a família são muito importantes nesse processo*”. O professor tem papel fundamental no desenvolvimento da criança, pelo fato de existir uma convivência diária no ambiente educacional que abrange uma imensidão de saberes. Com relação à aprendizagem e o seu desenvolvimento, Sarnoski afirma que,

O aluno precisa sentir vontade de aprender, e o professor é quem pode despertar essa vontade no aluno, a afetividade na educação constitui um importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde as séries iniciais, uma vez que por meio dela podemos compreender a razão do comportamento humano, pois a afetividade é uma grande aliada da aprendizagem (SARNOSKI, 2014, p. 2).

Portanto, não é aconselhável que o professor se importe apenas com o cognitivo, é necessário desenvolver também a afetividade, para que ocorra uma interligação dessas dimensões no processo de aprendizagem, tornando-a relevante e significativa. Nesse sentido, Silva afirma que “a afetividade, para Piaget, possui papel funcional na inteligência, é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para poder funcionar, ou seja, existe uma relação intrínseca entre afetividade e cognição” (SILVA, 2017, p. 6067). Ou seja, o funcionamento da cognição e da afetividade são essenciais para o desenvolvimento integral do indivíduo como ser que pensa e age.

Piaget é um autor clássico no campo educacional que ressalta a importância da relação cognitiva e afetiva. Para ele, descrito por Rocha e Kochhann (2015), não existem atos somente afetivos, todas as vivências estão relacionadas com a cognição e a afetividade. Esse processamento é nomeado por Piaget, como teoria histórico-cultural, ou seja o ser humano possui uma vivência histórica e cultural de acordo com o meio em que vive.

Toda criança tem seu jeito de agir e de pensar de acordo com as suas vivências, e o professor precisa compreender e se envolver para ter uma relação afetiva significativa. De acordo com essa questão, o Profissional 3 diz que “*Acredito que, tendo o olhar do professor e das profissionais, a criança consegue superar os seus desafios com mais facilidade*”. Cada indivíduo possui as suas particularidades, de acordo com a sua experiência e, assim, o professor precisa compreender e incentivar, de acordo com esses saberes individuais.

Nesta perspectiva, Silva ressalta que

A afetividade no ambiente escolar favorece o ensino-aprendizagem, uma vez que o professor comprometido com a educação não apenas transmite conhecimento, mas também escuta seus educandos, promovendo, assim, uma relação de troca. Quando essa relação é fundamentada no afeto, respeito, diálogo, limites e confiança, tornam-se fontes de crescimento e realização tanto para o aluno quanto para o professor (SILVA, 2017, p. 6064).

Nesse contexto, é possível perceber que precisa haver uma boa relação entre professor e aluno com diversas trocas de experiências e de ideias, para que ocorra uma aprendizagem expressiva. Quando existe uma boa relação afetiva entre professor e aluno, conseqüentemente, haverá aprendizagem. A criança precisa se sentir bem no ambiente escolar para conseguir

aprender, como afirma Rossini “[...] a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional. As crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual” (ROSSINI, 2001, p. 9). Além disso, é importante ter um bom desenvolvimento da afetividade na família, que é um suporte fundamental para a aprendizagem.

Todo o meio social da criança precisa estar envolvido para que realmente ocorra um processo de aprendizagem de qualidade. A família, a escola e a sociedade precisam estar unidas e apresentarem condições de interações afetivas para que a criança consiga vivenciá-las.

Nesse contexto, muitas pessoas pensam que a afetividade está relacionada com o aspecto físico, porém, de acordo com Silva, “é relevante ressaltar que a afetividade não acontece apenas no contato físico; questionar a capacidade do aluno, valorizar seu trabalho, reconhecer seu esforço e incentivá-lo sempre estabelecem formas cognitivas de aprendizagem” (SILVA, 2017, p. 6065). Ou seja, percebe-se o quanto é importante incentivar, reconhecer e valorizar a criança para que consiga atingir os seus objetivos mantendo um bom relacionamento. O professor deve idealizar um ambiente favorável para que a criança se sinta bem para o seu progresso na aprendizagem.

De modo geral, percebe-se que os professores entrevistados destacam que falta muita afetividade na vida das crianças e que ela é extremamente importante para desenvolvimento integral fora e dentro do contexto educacional. Os professores enfatizam que é importante a participação da família na relação afetiva com a criança para, assim, poder pensar essa questão na aprendizagem.

Já os profissionais 1 e 2 destacam que é interessante ter esse vínculo, porém não salientam a importância no contexto educacional. O profissional 3 é o único que afirma ser uma questão essencial na aprendizagem e para os atendimentos individuais.

Sendo assim, com tantas questões discutidas, fundamentadas através dos autores citados neste subcapítulo e das entrevistas realizadas na pesquisa, percebe-se o quanto a afetividade é importante para o desenvolvimento, para a aprendizagem e para o crescimento das crianças. É possível refletir que a afetividade faz parte da vida de todos os seres humanos, em qualquer local e qualquer faixa etária, a única diferença é como será sentida e vivenciada.

Para isso, desde o nascimento, é necessário o seu desenvolvimento integral para não haver rupturas no decorrer dos anos.

Quando ocorrem essas rupturas, os atendimentos individuais são importantes para o acompanhamento de cada situação de forma individual. Durante a realização das entrevistas, a questão dos benefícios e impactos do atendimento individual também surgiu como forma de pensar e refletir sobre a sua prática no ambiente escolar. O próximo subcapítulo irá tratar com mais especificidade em relação a essa temática.

4.2 Benefícios e impactos do atendimento individual

Para conseguir atingir o terceiro objetivo da pesquisa, que trata de compreender quais são os possíveis benefícios e impactos do atendimento individual no processo de aprendizagem estudantil no contexto educacional, foram realizadas entrevistas com três professores atuantes da rede pública de ensino de um município da Serra gaúcha e três profissionais (psicopedagoga, fonoaudióloga e psicóloga) deste mesmo local. A partir das entrevistas realizadas com os professores e profissionais, foi possível identificar a importância do atendimento individual no ambiente escolar que será apresentado a seguir.

Como observado no capítulo conceitual deste estudo, os atendimentos individuais podem ser caracterizados por diferentes áreas como fonoaudiologia, psicologia, psicopedagogia, dentre outros. Cabe salientar que a atenção da pesquisa deu-se no campo psicopedagógico porque o foco era refletir sobre as crianças que enfrentam situações de não-aprendizagem.

Observou-se, assim como Sass salienta, que, na maioria das vezes, os atendimentos individuais nas escolas são compreendidos “[...] com o objetivo de prestar serviços especializados para resolver as mazelas do fracasso escolar e os problemas de aprendizagem” (SASS, 2003, p. 1369); os professores entrevistados também defendem essa ideia como uma questão que irá ajudar a criança a evoluir, como destaca o Professor 2 “*Os atendimentos são muito positivos, é importante tê-los porque o profissional vai conseguir fazer um bom trabalho identificando se é alguma questão familiar, algum problema que está perturbando a criança, então, acredito que é necessário ter esses atendimentos individuais para que ela consiga evoluir e mostrar resultados*”; o Professor 3 afirma “*Encaminhei algumas crianças*

para ter uma ajuda na resolução desses problemas de fracasso escolar”.

Percebe-se que os atendimentos, além desse objetivo citado anteriormente, contribuem para diminuir a situação de fracasso escolar, “[...] implica[m] [também] um trabalho de caráter preventivo e de assessoramento no contexto educacional” (PONTES, 2010, p. 418). Analisando essas situações, é possível encontrar um campo de pesquisa interdisciplinar que abrange muito além do contexto educacional.

Esse debate em relação aos benefícios dos atendimentos individuais se confirma ao realizar as entrevistas desta pesquisa. Na transcrição, foi possível perceber que todos os professores e profissionais afirmam pontos positivos com relação a estes atendimentos, como diz o Professor 1, *“Os atendimentos são fundamentais para o bom trabalho escolar”*; o Professor 2, *“No atendimento ocorreu um olhar diferente”*; o Profissional 2 afirma que *“É bastante relevante para a aprendizagem das crianças”* e o Profissional 1 destaca que *“Existem diversos benefícios específicos de cada área profissional, todos visando à evolução e à melhoria da aprendizagem das crianças”*.

Com relação à afirmação citada no parágrafo anterior, que ressalta a importância do olhar em âmbito educacional, compreende-se que tal ação é fundamental para promover um desenvolvimento integral da criança. Esse olhar diferenciado pode ser entendido em relação a uma atenção centrada apenas a uma única criança, diferentemente do que ocorre em sala de aula, pois o professor precisa atender ao coletivo. Afirma o Profissional 3 que *“É preciso ter um olhar diferenciado e individual para a criança saber que pode e consegue aprender”*. Assim, ao encontrar algum desafio de aprendizagem, nos atendimentos individuais a criança terá um momento voltado apenas para ela, fazendo com que se sinta melhor e mais acolhida, permitindo o seu crescimento, como ressalta o Professor 3, *“Os atendimentos são essenciais para que a criança consiga avançar”*.

Nesse sentido, percebe-se que em uma sala de aula com, por exemplo, 20 crianças, o professor não consegue atingir todos da melhor forma possível, de uma única vez. Os atendimentos, como o nome já diz, são individuais e, por isso, o profissional consegue dar uma atenção exclusiva e com mais qualidade. Nesse sentido, não se pode culpar o professor, que procura fazer o melhor para conseguir atingir todos, uma vez que, em algumas situações específicas, é necessário contar com o auxílio dos profissionais. Cada criança possui o seu tempo e o seu ritmo, por isso, a aprendizagem não ocorre da mesma forma em relação a todos

os envolvidos.

Nesse aspecto, cabe destacar a psicopedagogia, relacionando-a com os atendimentos individuais. De acordo com Bossa, a psicopedagogia “[...] estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las” (BOSSA, 2000, p. 21). Em síntese, os atendimentos vão para além das dificuldades de aprendizagem buscando sempre promover o desenvolvimento e crescimento da criança no que compete a sua aprendizagem.

Além disso, Pontes defende que “o psicopedagogo vai trabalhar de forma preventiva para que sejam detectadas as dificuldades de aprendizagem” (PONTES, 2010, p. 426). O aspecto preventivo consiste em impedir que alguma coisa negativa aconteça, ou seja, a criança passa a ter um olhar diferenciado da família, do professor, da escola e dos profissionais para protegê-la de determinadas situações prejudiciais. Pode-se pensar, de acordo com Peres e Oliveira, numa perspectiva de “[...] evitar o aparecimento de problemas, evitar que os problemas existentes se agravem, reduzir a gravidade de novos problemas ou mesmo, retardar o desenvolvimento do problema” (PERES; OLIVEIRA, 2007, p. 119).

Desta forma, os atendimentos individuais serão favoráveis para o bom desenvolvimento das crianças de acordo com cada particularidade. O Professor 3 cita um exemplo de uma criança que foi encaminhada para atendimento individual: “*Apresentou muito crescimento e evolução, percebemos na escola que ela começou a cobrar dos seus colegas atitudes que antes ela mesma realizava, ou seja, aos poucos foi percebendo que fazia atitudes erradas e cobrava de seus colegas para que não fizessem igual*”. É muito importante observar o crescimento e as evoluções³ de cada criança para identificar se os atendimentos estão ajudando no seu desenvolvimento. O professor tem papel fundamental para analisar esse crescimento e manter um diálogo com os profissionais e a família.

É extremamente relevante que o professor, a escola, a família e os profissionais mantenham um bom relacionamento visando ao mesmo objetivo, para que tudo ocorra da melhor forma possível. No município em que os professores e profissionais entrevistados atuam, essa prática ocorre de forma muito positiva. Percebe-se isso quando o Profissional 1 afirma na entrevista que “*Os professores são bastante abertos para o desenvolvimento do*

³ Esta palavra é utilizada no meio dos atendimentos individuais e, por isso, optou-se por mantê-la.

nosso trabalho, aceitando dicas, trazendo dúvidas, sendo comunicativos”. Essa relação é muito importante e faz diferença no desenvolvimento da criança e da família envolvida.

Além disso, a sociedade na qual a criança está inserida também faz parte do contexto de aprendizagem. Como afirma Pontes, “a escola e a sociedade não podem ser vistas isoladamente, pois o sistema de ensino (público ou privado) reflete a sociedade na qual está inserido” (PONTES, 2010, p. 418). A questão cultural influencia muito no crescimento e evolução da criança, por isso, precisa estar presente nos atendimentos individuais. Os professores e profissionais precisam compreender melhor a vida externa da criança para conseguir ajudá-la, pois a situação de não-aprendizagem tem relação também com a vivência fora da escola.

Os professores, a escola e os profissionais não são responsáveis exclusivamente para garantir esse crescimento, ou seja, é muito importante a participação da família nesse contexto. Nessa circunstância, o Profissional 1 afirma que “*Sempre há ganhos positivos se houver vontade e interesse dos envolvidos: família, escola e profissional*”. Somente assim será possível observar, de acordo com Beyer, “[...] o desenvolvimento pleno da criança” (BEYER, 1996, p.30).

Diante disso, ressalta-se Pontes, quando diz que “o que vai acontecer será um trabalho de equipe, em parceria com todos que fazem a escola (gestores, equipe técnica, professores, alunos, pessoal de apoio, família)” (PONTES, 2010, p. 418). Desta forma, se a família não colaborar e incentivar a criança, não haverá avanços e crescimento. Todos, de alguma forma, precisam apoiar a criança para que esta sinta um ambiente favorável e acolhedor para o seu desenvolvimento. Sem atenção e carinho, o desenvolvimento não ocorre de forma positiva, como destaca o Professor 3: “*Os atendimentos ajudam bastante na questão familiar e afetiva no desenvolvimento da criança, auxiliando nos pensamentos e atitudes dos pais*”.

Todos os entrevistados comentaram em relação à importância da família na contribuição para o crescimento das crianças. Não se pode pensar em um atendimento individual somente com a participação da criança e o incentivo do professor. É preciso que a família compreenda a situação e mostre interesse em apoiar a criança buscando superar os desafios encontrados. Além disso, a educação não ocorre somente na sala de aula ou na escola, isto é, acontece também na família, na comunidade escolar e todos os envolvidos precisam estar engajados para que a aprendizagem ocorra de forma positiva.

As crianças envolvidas nos atendimentos individuais também precisam demonstrar interesse para conseguir superar os seus desafios, como comenta o Professor 1: “*Os estudantes que frequentavam os atendimentos e tinham vontade de aprender e de melhorar demonstraram grandes avanços nas suas dificuldades*”. O professor e a família devem sempre incentivar afetivamente as crianças para que consigam atingir os seus objetivos perante as suas aprendizagens. Como descrito no subcapítulo anterior, a afetividade é muito significativa na vida de todos os seres humanos desde o seu nascimento, e pode influenciar nas decisões, atitudes e vivências.

O Profissional 2 também abordou a importância da família quando destacou que: “É muito comum realizarmos orientações aos pais que convivem com a criança diariamente e, estando em um ambiente favorável, resolvendo questões, os atendimentos serão bem relevantes para a aprendizagem dela”. A participação dos pais é muito importante para o processo de aprendizagem ocorrer, ainda mais quando é necessário frequentar os atendimentos individuais. Nesse sentido, a criança precisa de mais apoio e incentivo para conseguir avançar dentro das suas limitações. Diante dessas possibilidades de apoio, a criança conseguirá progredir de forma positiva, como declara o Professor 2: “Demonstram melhorias e conseguem evoluir felizes”.

Além do olhar da família e dos profissionais, o papel do professor é muito relevante para o desenvolvimento da aprendizagem integral das crianças, como confirma o Profissional 3, “Tendo o olhar do professor e dos profissionais, a criança consegue superar os seus desafios com mais facilidade”. Os desafios podem ser de diversos âmbitos “[...] quer cognitiv[o], quer de comportamento social” (MASINI, 2006, p. 249), por isso, todos envolvidos (família, escola, professor, profissional) precisam compreender e apoiar a melhoria da criança.

O Profissional 2 relata sobre a importância dos atendimentos individuais quando afirma que “É bastante relevante porque há crianças com alguns transtornos e outras com questões familiares e sociais a serem resolvidas”. Nesse cenário, através do referencial teórico e das entrevistas realizadas na pesquisa, percebe-se o quanto é importante a participação da família e da escola para o bom andamento dos atendimentos individuais. Além disso, o incentivo e a afetividade fazem muita diferença no decorrer da vida de todo o ser humano, principalmente na superação de desafios.

Nesta pesquisa, com a transcrição das entrevistas, percebeu-se que cada ser humano possui as suas particularidades e precisam ser respeitados de acordo com o seu tempo. Muitas vezes as crianças não conseguem acompanhar o ritmo esperado para a determinada idade e, por isso, podem-se encontrar em uma situação de não-aprendizagem. Esse assunto será tratado com mais minúcia no próximo subcapítulo.

4.3 Situação de não-aprendizagem: um conceito fixo?

Neste subcapítulo, é desenvolvida a análise em relação à pesquisa sobre situação de não-aprendizagem, vinculando-a com as entrevistas realizadas com os professores e profissionais de um município da Serra gaúcha. Faz-se importante lembrar o que se entende, neste estudo, por **situação** de não-aprendizagem: algo vinculado a um momento. Da mesma forma, é possível observar o sentido da palavra **situação** no dicionário: algo que está disposto num dado período. Essa ideia se contrapõe à percepção de que a não-aprendizagem é algo fixo e insuperável.

A partir da transcrição das entrevistas foi possível perceber uma incompreensão do termo situação de não-aprendizagem por alguns participantes deste estudo. Todos os Professores (1, 2 e 3) e o Profissional 2 manifestaram características das crianças que se encontram, não na situação de não-aprendizagem, mas em uma perspectiva de não-aprendizagem, ou seja, não compreenderam que este é um contexto momentâneo (os relatos são apresentados a seguir). Os outros Profissionais (1 e 3) expressaram uma ideia diferente, ou seja, no seu ponto de vista, as crianças não se encontram em situação de não-aprendizagem e destacam que todos os sujeitos são aprendentes em qualquer situação.

Dentre as colocações dos entrevistados que não compreendem a dificuldade de aprendizagem como algo momentânea, destacam-se as seguintes afirmações: “*A professora vai observando e identificando se a criança consegue fazer, se entende, se pergunta, então, assim se percebe onde tem aprendizagem e onde tem problemas na aprendizagem*” (Professor 1); “[Situação de não aprendizagem é] *Quando o aluno não tem a compreensão, quando ele não consegue, por exemplo, formular uma resposta adequada a uma pergunta, se concentrar, fazer uma boa leitura*” (Professor 2); “*A criança demonstra estar distraída, se dispersando com bastante facilidade. No momento das avaliações, o professor irá tirar as suas conclusões em relação à aprendizagem da criança, pois ela irá transpor aquilo que aprendeu*” (Professor

3); e, “[A situação de não aprendizagem] *Envolve vários fatores, pode ser um problema cognitivo e, às vezes, é uma questão emocional, uma questão social, familiar e todos esses fatores precisam ser analisados*”(Profissional 2).

Analisando as colocações feitas pelos Professores 1, 2 e 3, e o Profissional 2, pode-se constatar as características que possuem as crianças que se encontram em uma não-aprendizagem. Quando a criança não compreende o conteúdo, quando não se concentra ou não interage, significa que possui dificuldade em entender o que é expressado pelo professor. Nesse sentido, percebem-se as diferenças que cada ser humano possui. Cada particularidade, cada tempo e cada jeito são distintos e precisam ser respeitados. Se, por exemplo, em determinado momento a criança não consegue se concentrar, pode-se pensar que existe um fator determinante para que isso ocorra. Assim, cabe destacar Osti e Brenelli quando afirmam que “uma dificuldade [...] não pode ser entendida como determinante do insucesso do aluno, mas como um desafio, que propõe à escola rever suas estratégias e ao professor analisar suas representações” (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 422).

Pensando que a criança possui um desafio, é importante analisar estratégias para conseguir superá-lo. Assim, identifica-se que é uma situação momentânea. Não é algo fixo, que está pregado na vida da criança, mas algo que, com dedicação e vontade, pode ser superado. Talvez o professor e a escola percebam que há uma necessidade de realizar um encaminhamento para os atendimentos individuais, como já foi destacado no subcapítulo anterior. Nesses casos, é possível analisar que se buscou alguma estratégia de ajuda e apoio para a superação dessa situação momentânea.

Além dessa questão explorada pelos Professores e pelo Profissional 2, qual seja, da dificuldade de aprendizagem como algo “fixo” e não com uma característica momentânea, há também o depoimento de dois Profissionais entrevistados (1 e 3) ressaltando que a criança sempre estará em contextos de aprendizagem. De acordo com o Profissional 1: “*Não existe uma situação de não-aprendizagem porque sempre existe aprendizagem em qualquer vivência, qualquer momento é algo novo para a criança, o que muda é o ganho que a criança vai ter naquele momento, que vai variar de acordo com o nível em que ela está inserida. Então, eu acredito que a criança está inserida em um ambiente de aprendizagem, mesmo que ela tenha uma bagagem pobre, que tenha uma situação familiar complicada, ou seja, sempre há aprendizagem estando em um ambiente escolar*”. Nessa colocação do Profissional 1, pode-se refletir sobre a questão de que, em todas as situações vividas, existe uma aprendizagem que

será adquirida de acordo com a particularidade de cada ser humano, de cada criança.

Santos afirma que “quando se está diante de uma criança com dificuldades de aprendizagem, não significa que essa criança não aprenda, mas sim que seu processo de aprendizagem se encontra desequilibrado e que as aprendizagens são realizadas de maneira diferenciada da esperada” (SANTOS, 2009, p. 7). Cada criança adquire um mesmo conhecimento de formas variadas e irá torná-lo significativo ou não na sua vida de acordo com o seu interesse. O professor buscará atingir todos da mesma forma, porém, não sabe como irá alcançar cada criança em um único contexto.

O Profissional 3 também destaca que “*Às vezes não é bem uma situação de não-aprendizagem, é alguma coisa que não está bem com a criança que não está demonstrando o que aprendeu ou o que está aprendendo. Eu não acredito em situação de não-aprendizagem, porque todo mundo aprende de alguma maneira, no seu tempo e no seu momento*”. Assim, percebe-se que tanto o Profissional 1 quanto o Profissional 3 não definiram a situação de não-aprendizagem porque, na sua concepção, a criança está sempre envolvida em situações de aprendizagem. Nesse contexto, percebe-se que os dois profissionais constatarem que cada criança possui o seu tempo, ou seja, se apresenta alguma dificuldade na aprendizagem, pode ser algo momentâneo, que será transformado no seu ritmo. Deste modo, a criança conseguirá aprender no seu momento, atingindo os seus objetivos. E, com isso, pode-se afirmar, de certa maneira, que ambos profissionais aproximam-se da concepção de situação de não-aprendizagem como algo momentâneo e não estático.

As duas respostas acima, do Profissional 1 e do Profissional 3, mostram que cada ser humano possui as suas particularidades. Em relação ao respeito às diferenças, Esteban afirma que “[...] a aprendizagem precisa ter seu centro deslocado da homogeneidade [...]” (ESTEBAN, 2009, p. 133). Na educação, não é possível imaginar uma sala de aula homogênea porque cada criança possui seu tempo, suas vivências, suas ideias, seu jeito, sua cultura e suas particularidades. É importante e necessário pensar em uma educação em que cada um vivencia do seu modo, adquirindo tudo que for significativo para si.

De acordo com Osti e Brenelli, “[...] considera-se que um contexto favorável para aprender se constrói a partir da aceitação das diferenças e por meio do afeto manifesto nos gestos, atitudes e palavras” (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 422). A partir desse contexto de aceitação destacado pelos autores, é possível pensar em uma educação significativa e de

qualidade. Quando não ocorre essa prática, a criança que se encontra em situação de não aprendizagem *“começa a ficar mais isolada, perde a sua socialização, a sua autoestima fica baixa e se sente inferior aos outros colegas”* de acordo com o que afirma o Professor 2.

O professor, ao perceber que uma criança se encontra em situação de não aprendizagem, precisa se dedicar a descobrir a possível justificativa do que está acontecendo naquele momento. Somente assim o professor ajudará a criança a superar os seus desafios. Com apoio e incentivo, a criança se sentirá mais à vontade e irá expor ao professor a sua situação, seja ela familiar, social, cognitiva, dentre outras.

Nesse sentido, percebe-se o quanto o professor e a escola possuem um papel fundamental na vida das crianças, além da família e da comunidade escolar, como dito nos subcapítulos anteriores. Deste modo, como afirma Osti e Brenelli, *“se o aluno vivencia uma experiência de sucesso, constrói uma representação positiva de si e do ambiente de ensino, ao contrário, se vivencia uma experiência de fracasso, constrói uma representação negativa”* (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 420). Ou seja, o professor e a escola precisam oportunizar um ambiente prazeroso para que a criança se sinta bem para conseguir superar os seus desafios e para que sua aprendizagem seja significativa.

É muito importante incentivar e acreditar na criança, pois *“[...] quando o professor desacredita da capacidade de seu aluno, tratando-o com menos entusiasmo e incentivo, é provável que o estudante acabe por representar negativamente a si mesmo”* (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 421). Nos subcapítulos anteriores e também neste, reflete-se sobre a importância de estimular as crianças. A afetividade precisa estar sempre presente na vida das crianças para que consigam se desenvolver integralmente.

Deste modo, percebe-se que a educação tem papel fundamental na vida dos seres humanos. Biesta afirma que

A educação, seja a educação de crianças, a educação de adultos, seja a educação de outros ‘recém chegados’, é, afinal, sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor: mais completa, mais harmoniosa, mais perfeita - e talvez até mais humana (BIESTA, 2013, p. 16).

Essas colocações de Biesta (2013) afirmam que tudo o que é vivenciado e oportunizado aos estudantes de modo geral é uma prática escolar. Todas as vivências, sejam positivas ou negativas, tornam-se marcas na vida de todos. Esses momentos, repletos de

interações e diálogos, tornam a criança mais reflexiva, com vontade de buscar novas aprendizagens.

O Professor 1 comentou na sua entrevista que “Às vezes tem algumas crianças que se manifestam nas aulas, perguntam e querem tirar dúvida”. Sendo assim, é possível pensar que as crianças aprendem quando demonstram interesse e vontade. Quando se encontram em uma situação de não-aprendizagem, conseguem superar esse momento com apoio e dedicação. Nesse sentido, o aluno precisa ter interesse, mas, ao mesmo tempo, precisa ser despertado pelo professor.

O professor tem um papel fundamental quando oportuniza momentos de diálogos que fazem a criança interagir e mostrar suas ideias e opiniões. Osti e Brenelli afirmam que “o processo de ensino e aprendizagem envolve professores e alunos num movimento em que as reflexões pessoais e interpessoais são primordiais porque o sujeito, para aprender, precisa estar interagindo com o outro” (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 419). O diálogo e a reflexão são fundamentais para que a criança consiga expor as suas ideias fazendo com que estabeleça relações em diferentes contextos da aprendizagem.

Pensando na importância do professor em atingir a criança de forma positiva para que ocorra uma aprendizagem significativa, Santos afirma que

Quando o professor organiza a sequência de suas aulas, procurando encadeamentos lógicos, quando seleciona material estimulante e adequado ao assunto a ser ensinado, ao escolher estratégias de ensino que despertem a motivação ou quando reorganiza as formas de exploração para assegurar a construção do conhecimento, ele está procurando facilitar o processo de aprendizagem de seus alunos (SANTOS, 2009, p.19).

É de extrema importância oportunizar situações de aprendizagem significativas que façam com que a criança se desenvolva integralmente. Despertar o interesse da criança é fundamental para que se consiga alcançar os objetivos de cada estratégia de ensino. Quando isso não ocorre como o esperado, o professor e a escola realizam o encaminhamento para os atendimentos individuais, como já destacado nos subcapítulos anteriores, de acordo com a necessidade de cada criança.

O Profissional 2 comenta sobre os motivos pelos quais os professores realizam esse encaminhamento aos profissionais, afirmando: “O que eu percebo é que os professores sempre tentam resolver o problema. Em primeiro, lugar tentam resolver em sala de aula com métodos diferentes, de outras formas. Quando isso não é possível e o professor acha que pode

ter alguma coisa influenciando, realiza o encaminhamento". Nesse contexto, Santos afirma que "as ações para este fim [encaminhamentos] são, hoje, bem divulgadas no ambiente escolar e há certo consenso de que esta criança precisa de um atendimento extra ou de estratégias de ensino especiais que favoreçam o seu desenvolvimento" (SANTOS, 2009, p. 20). Assim, percebe-se que a escola e o professor precisam oportunizar à criança um ambiente favorável e voltado ao seu interesse.

Os Profissionais 1 e 3 destacam algumas características pelas quais os professores realizam esse encaminhamento: "*Porque no processo de aprendizagem podem ocorrer algumas complicações, crianças com problemas em casa, que têm algumas coisas mal resolvidas*" (Profissional 1); "*Acontecem os encaminhamentos quando as crianças possuem alguma lacuna na aprendizagem ou no seu conviver social que não conseguem superar sozinhas e precisam de um apoio*" (Profissional 3).

Analisando as colocações dos Profissionais 1 e 3, percebe-se que podem existir diversos fatores que influenciam a situação de não-aprendizagem. Necessita-se de muita atenção e dedicação para compreender esse contexto, buscando criar diferentes métodos para a sua superação. Todos esses aspectos ocorrerão se houver "[...] uma responsabilidade compartilhada, afetada por fatores internos do aluno (constituição genética, maturação) e externos (família, escola e meio social)" (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 418). Nesse mesmo contexto, o Professor 3 também afirma que a família precisa apoiar e incentivar a criança porque "*Se a família não faz a sua parte junto com a escola, a criança não terá uma aprendizagem de acordo com o que se espera*".

A família, a escola, a comunidade escolar e os professores precisam estar sempre juntos procurando incentivar a criança a interagir e a crescer de acordo com o seu ritmo. Com isso, percebe-se que "é essencial reconhecer a afetividade [...] como uma dimensão inseparável e indissociável da inteligência, promotora do desenvolvimento" (OSTI; BRENELLI, 2013, p. 419), como foi ressaltado nos subcapítulos anteriores. Não é possível pensar em uma prática escolar sem o envolvimento da afetividade. Em todos os momentos da vida, a afetividade aparece de forma positiva aprimorando cada vez mais as vivências.

Se houver afetividade, interesse, dedicação, vontade e incentivo, a criança que se encontra em uma situação de não-aprendizagem conseguirá se desenvolver integralmente superando os seus desafios com mais facilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESPERTANDO ALGUMAS REFLEXÕES

A aprendizagem escolar deve ter um olhar significativo voltado para cada contexto histórico e social das crianças. Os professores e a escola precisam compreender que cada criança possui as suas particularidades e as suas vivências, sendo assim, cada uma será “atingida” de formas diferentes. O mesmo método usado em uma sala de aula irá “atingir” cada criança de um jeito distinto. Para algumas, pode ser algo positivo e bem significativo, para outras, pode ser negativo e sem relevância. O importante é o professor saber como cativar, envolver e despertar o interesse da criança perante a aprendizagem. Nesse contexto, a pesquisa, no geral, aproximou-se da aprendizagem escolar, envolvendo a situação de não-aprendizagem e os encaminhamentos para os atendimentos individuais.

No primeiro capítulo, denominado “Abertura do diálogo: Aprendizagem escolar”, foi possível compreender que, no contexto educacional de aprendizagem, existem inúmeros desafios, como a desvalorização profissional, as metodologias de ensino, o envolvimento afetivo... Quando se comenta sobre “aprendizagem”, é importante levar em consideração a questão cognitiva e afetiva, além das outras diversas áreas, como o aspecto motor. Não se pode pensar em uma aprendizagem considerando apenas o aspecto cognitivo. Além disso, para um bom desenvolvimento da aprendizagem, é importante o incentivo dos professores e dos membros da família com os quais convivem e se relacionam diariamente.

No segundo capítulo, designado “O início do devaneio: o conceitual”, a pesquisa dedicou-se aos conceitos, relacionando-os com o primeiro objetivo da pesquisa, “Conceituar o que são atendimentos individuais, situação de não-aprendizagem e aprendizagem escolar”. O capítulo, dividido em três subcapítulos, fez refletir e pensar em relação ao desenvolvimento

integral da criança fora e dentro da sala de aula, envolvendo-se com o contexto familiar.

O primeiro subcapítulo, denominado “A concepção dos atendimentos individuais”, envolveu-se em compreender os motivos pelos quais os professores procuram apoio nos atendimentos individuais. Nesse cenário, foi possível perceber que não existem padrões determinados. Cada criança é diferente e, por isso, não seguem uma mesma ordem e organização. Não existe o sujeito normal, por isso não se pode afirmar que a criança que se encontra em situação de não-aprendizagem é anormal. O contexto da pesquisa se sustentou relacionando-se mais com a área da psicopedagogia pelo fato de estar mais envolvida com a questão das dificuldades de aprendizagem.

O segundo subcapítulo, “Os seguimentos de uma aprendizagem”, dissertou sobre a aprendizagem, na qual cabe destacar que todos os seres humanos estão em constante formação. Quando existirem estímulos, dedicação, prazer e interesse, a aprendizagem será significativa na vida de cada um. Não é possível pensar em uma educação sem interesse. Se o professor despertar o interesse das crianças, haverá envolvimento e busca por novas aprendizagens a todo instante.

Em seguida, o terceiro subcapítulo, intitulado “O esclarecimento da situação de não aprendizagem”, fez pensar que as crianças que não atingem os objetivos previstos da sua faixa etária encontram-se em uma situação de não-aprendizagem. Nesse sentido, percebe-se que há algum fator determinante para que a criança se encontre nessa situação. Os professores, a escola, os profissionais e a família precisam compreender o que a criança está vivendo para conseguir ajudá-la.

Quando há uma situação descrita como “situação de não-aprendizagem”, é possível analisá-la como algo momentâneo. A criança que está passando por alguns problemas ou dificuldades, sejam eles de caráter social, familiar, cognitivo ou afetivo, demonstra isso através das suas atitudes diárias. Cabe ao professor e aos profissionais ligados a ela bem como à família investigarem as razões para determinadas atitudes. Somente assim será possível ajudar a criança a superar seus desafios. Como expressado, a situação é momentânea que, com incentivo e apoio, a criança conseguirá superar.

Como resultados de pesquisa, observou-se que os professores e um profissional não compreenderam que a situação de não-aprendizagem é algo momentâneo, mas demonstraram, através das suas respostas, que buscam superar esses desafios juntamente com o apoio dos

atendimentos individuais. Dois profissionais conseguiram fazer alguma relação com a questão momentânea e, além disso, afirmaram que as crianças aprendem a todo momento, estando em constante aprendizagem.

Para superar os desafios da vida, é preciso muita dedicação, tanto do adulto quanto da criança. Durante a pesquisa, foi possível perceber que a família, o professor e os profissionais possuem um papel fundamental na superação dos desafios. Se esses três fatores não estiverem unidos com a mesma intenção, não será possível ajudar a criança.

Pode-se pensar, de acordo com a pesquisa, que existem inúmeras influências para a criança se encontrar nessa situação de não-aprendizagem. Os seres humanos possuem características diferentes, de acordo com cada particularidade. As construções dentro e fora da sala de aula são diversas, de acordo com cada vivência. Por isso, não se pode afirmar que existe o jeito certo de realizar determinadas situações. Não é possível identificar o que é certo e o que é errado partindo de um contexto geral. Muitas vezes, em uma sala de aula, o professor e a escola querem homogeneizar as crianças, ou seja, tornar todos iguais, normais, seguindo as regras propostas. Nesse sentido, considerando as diferenças de pensamentos e atitudes, não se pode afirmar que existem o sujeito normal e o anormal pelo fato de não ser correto existir um padrão determinado que se denomina “normal”.

Algumas vezes, os professores observam as determinadas dificuldades das crianças e não conseguem resolver sozinhos. Por isso, realizam o encaminhamento das crianças para os atendimentos individuais. Todos os entrevistados desta pesquisa afirmaram pontos positivos na prática dos atendimentos. Percebe-se que as crianças que frequentam os atendimentos e possuem apoio e incentivo dos professores e da família conseguem superar seus desafios com mais facilidade. Deste modo, os atendimentos individuais impactam na vida das crianças de forma relevante e proveitosa para o crescimento e o desenvolvimento da aprendizagem.

Em uma sala de aula, com diversas crianças, muitas vezes o professor não consegue dar atenção para todas da melhor forma. Já nos atendimentos individuais, a criança vivencia um momento em que dispõe de toda a atenção e dedicação do profissional para si. Assim, o profissional consegue observá-la e desenvolver uma prática de auxílio e, se necessário, de prevenção de acordo com a situação da criança envolvida.

O atendimento individual é um momento de desenvolvimento integral da criança, de acordo com as suas particularidades. Se o profissional cativar e se aproximar afetivamente da

criança, conseguirá ter resultados positivos, favorecendo o seu crescimento. Com interesse de todos os envolvidos (família, criança, professor, profissional), a criança conseguirá avançar dentro do seu tempo.

A afetividade é muito importante na vida de todos os seres humanos, em todas as faixas etárias. Neste trabalho, a afetividade é vista como um desdobramento significativo na vida das crianças, com isso, percebe-se que para um bom desenvolvimento na aprendizagem, a afetividade tem muita relevância no contexto educacional. Vínculos positivos são influenciadores. Se a criança vivenciar situações negativas, pode-se pensar que irá seguir esse contexto, mas se vivenciar positivamente, terá mais incentivo e vontade de buscar novas descobertas. O estímulo emocional é muito importante e deve estar presente na vida das crianças para o seu desenvolvimento integral.

Quando ocorrem algumas rupturas no desenvolvimento da criança, ou seja, quando se encontra em uma situação de não-aprendizagem, é importante o professor desenvolver situações de aprendizagens significativas em sua vida. A aprendizagem ocorre de forma positiva quando há interesse das crianças. Para isso, o professor precisa despertar o interesse através do incentivo, da afetividade. As crianças conseguirão superar a situação de não aprendizagem quando o professor criar estratégias para a superação dos desafios das crianças, além do auxílio e do atendimento individual. Assim, percebe-se que a situação de não aprendizagem é algo momentâneo, não é um conceito fixo.

Uma prática estimulante e criativa é um desafio também para o professor, pelo fato de exigir muito desempenho e dedicação do profissional. Respeitar o tempo e as particularidades de cada criança é essencial para que a aprendizagem seja realmente expressiva. A aceitação das diferenças influencia a construção de uma educação de qualidade.

A presente pesquisa permitiu uma aproximação em relação aos atendimentos individuais, a aprendizagem e a situação de não-aprendizagem. Existe ainda muito a ser aprofundado em relação a essa temática, porém é possível reconhecer e compreender algumas características e colocá-las em prática no contexto educacional, visando a uma aprendizagem significativa na vida das crianças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEYER, Hugo Otto. **O fazer psicopedagógico**: a abordagem de Reuven Feuerstein a partir de Vygotsky e Piaget. Porto Alegre: Mediação, 1996.

BIESTA, GERT. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BOSSA, Nádía A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. Introdução: Avaliação psicopedagógica de crianças de 7 a 11 anos. *In*: BOSSA, Nádía A.; OLIVEIRA, Vera B. (Org.) **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Dificuldades de aprendizagem**: O que são? Como tratá-las?. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CAMPOS, Dinah M. de S. **Psicologia da aprendizagem**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: Ed. da Univates, 2015.

DOCKRELL, Julie; MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem**: uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação e Fracasso escolar**: questões para debate sobre a democratização da escola. Campo Grande: Revista Lusófona de Educação, 2009.

FINI, Lucila D. T. Rendimento escolar e psicopedagogia. *In*: SISTO, Fermino F. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- KONRATH, Maria da G. dos R. **A produção do sujeito anormal: discursos que compõem a relação com o outro**. Lajeado: Editora Univates, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.
- MASINI, Elcie F. S. **Formação Profissional em Psicopedagogia: embates e desafios**. São Paulo: Revista Psicopedagogia, 2006.
- MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOREIRA, Marco A. **Teorias de aprendizagem**. 2. ed. ampl. São Paulo: EPU, 1999.
- OSTI, Andréia; BRENELLI, Rosely P. **Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: USF, 2013.
- PERES, Maria Regina; OLIVEIRA, Maria Helena M. Alves. **Psicopedagogia: limites e possibilidade a partir de relatos de profissionais**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2007.
- PONTES, Idalina A. M. **Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim**. São Paulo: Revista Psicopedagogia, 2010.
- ROCHA, Vanessa A. da Silva; KOCHHANN, Andréa. **A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Goiás: UEG, 2015.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Londrina, PR: UEL, 2009.
- SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem**. Erebango, RS: Revista de Educação Ideau (REI), 2014.
- SASS, Odair. **Problemas da Educação: o caso da psicopedagogia**. Campinas, SP: Revista Educação e Sociedade, 2003.
- SILVA, Aylla M. Ferreira da. **A importância da afetividade no contexto educacional**. Paraná: Educere, 2017.
- TRINCA, Walter; BARONE, Leda M. C. Os procedimentos de desenhos-estórias na avaliação das dificuldades de aprendizagem. In: BOSSA, Nádia A.; OLIVEIRA, Vera B. (Org.). **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Carta de Apresentação para Secretário(a) da Educação**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Eu, _____, acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari/RS, estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso com o problema **“Como os atendimentos individuais impactam no processo de aprendizagem das crianças com dificuldades de aprendizagem?”**. Para tanto, pretendo desenvolver os estudos na presente escola de maneira a analisar quais os benefícios e impactos dos atendimentos individuais para a aprendizagem das crianças.

Os dados coletados serão de uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizados unicamente com finalidade de fornecer elementos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso e de eventos. Será assegurada a confidencialidade da escola participante, bem como dos envolvidos neste estudo.

Eu, _____, secretária da educação do município da instituição de ensino, aceito que a acadêmica do Curso de Pedagogia, _____ desenvolva sua pesquisa na presente instituição de ensino.

Secretária da Educação: _____

CPF: _____

Acadêmica: _____

CPF: _____

_____, _____ de _____ de 2019.

APÊNDICE B - Carta de Apresentação para Diretor(a) da Instituição de Ensino

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, _____, acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari/RS, estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso com o problema **“Como os atendimentos individuais impactam no processo de aprendizagem das crianças com dificuldades de aprendizagem?”**. Para tanto, pretendo desenvolver os estudos na presente escola de maneira a analisar quais os benefícios e impactos dos atendimentos individuais para a aprendizagem das crianças.

Os dados coletados serão de uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizados unicamente com finalidade de fornecer elementos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso e de eventos. Será assegurada a confidencialidade da escola participante, bem como dos envolvidos neste estudo. .

Eu, _____, diretor(a) da instituição de ensino, aceito que a acadêmica do Curso de Pedagogia, _____ desenvolva sua pesquisa na presente instituição de ensino.

Diretor(a) da Instituição: _____

CPF: _____

Acadêmica: _____

CPF: _____

_____, _____ de _____ de 2019.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INSTITUCIONAL

Eu, _____, cuja atividade/função exercida/cargo é _____, no Município de _____ /RS, aceito, pelo presente Termo, participar de entrevista para o trabalho “Atendimentos individuais no contexto educacional: os impactos no processo de aprendizagem” da acadêmica/estudante do Curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, de Lajeado/RS, Daiane Mezaroba, orientada pela professora Dra. Danise Vivian.

Pelo presente Termo fico ciente que:

1. A atividade/o trabalho tem por objetivo analisar quais são os benefícios e impactos dos atendimentos individuais na aprendizagem das crianças;
2. A coleta de informações será feita mediante entrevista semiestruturada, a entrevista será anotada pela acadêmica;
3. Posso pedir esclarecimentos sobre quaisquer aspectos da atividade antes e durante o seu desenvolvimento;
4. Posso abandonar a entrevista antes e durante o seu curso, sem quaisquer prejuízos para mim;
5. É-me garantido o sigilo quanto à origem das informações, não podendo ser revelada a minha identidade;
6. As informações coletadas serão interpretadas e gerarão uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Daiane Mezaroba, cujo resultado será apresentado no mês de junho/2019, garantindo-se o sigilo da fonte das informações;
7. Caso a atividade/trabalho, após sua apresentação/defesa em aula/evento, seja enviada para a Biblioteca da UNIVATES, este Termo não a acompanhará, devendo ser enviado para o Arquivo Central de documentos da Instituição. Ficará como Anexo da atividade uma cópia em branco deste Termo;
8. Frente a qualquer dúvida, a professora orientadora: Dra. Danise Vivian pelo e-mail dvivian@univates.br e a acadêmica: Daiane Mezaroba a disposição pelo e-mail daiane.mezaroba@universo.univates.br

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de aula e outra do entrevistado.

.....,..... dede 2019.

Acadêmica/estudante

CPF.....

Entrevistado

CPF.....

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista com os professores**ENTREVISTA COM PROFESSORES****Nome:** _____**Turma de atuação:** _____**Cargo:** _____**Tempo de atuação em escola:** _____**Formação:** _____

- 1) Como você compreende a aprendizagem no contexto educacional? E, a situação de não aprendizagem?
- 2) Quais as características de um indivíduo em situação de não aprendizagem?
- 3) Quando a criança se encontra em situação de não aprendizagem, o que você procura fazer?
- 4) Você já encaminhou algum estudante para atendimentos individuais com profissionais como psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos? Se sim, como e por qual motivo resolveu fazer esse direcionamento?
- 5) Qual sua opinião sobre os atendimentos individuais?
- 6) Durante o atendimento individual, o estudante apresentou melhoras na aprendizagem? Pode citar algum exemplo?
- 7) Os atendimentos individuais são essenciais para a aprendizagem do estudante que encontra-se em situação de fracasso escolar?

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista com os profissionais**ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS****Nome:** _____**Formação:** _____**Cargo:** _____**Tempo de atuação:** _____

- 1) O que você compreende por situação de não aprendizagem?
- 2) Porque os professores normalmente encaminham os estudantes para os atendimentos individuais?
- 3) Quais as características pelas quais os estudantes são direcionados para os atendimentos individuais?
- 4) Para você, quais os benefícios e impactos na aprendizagem na vida dos estudantes que são atendidos individualmente?
- 5) O trabalho que você desenvolve baseia-se na descrição que o professor detalhou sobre o aluno?
- 6) Você costuma trabalhar conjuntamente com o professor?



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09